

**INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES**  
**CURSO DE ESTADO-MAIOR CONJUNTO**

**2011/2012**



**TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO INDIVIDUAL**

**O CICLO DA AÇÃO TERRORISTA LINHAS COMUNS E VULNERABILIDADES**

O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A FREQUÊNCIA DO CURSO NO IESM SENDO DA RESPONSABILIDADE DO SEU AUTOR, NÃO CONSTITUINDO ASSIM DOCTRINA OFICIAL DA MARINHA PORTUGUESA / DO EXÉRCITO PORTUGUÊS / DA FORÇA AÉREA PORTUGUESA/ DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

*MAJ INF António José Pereira Cancelinha*



**INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES**

**O CICLO DA AÇÃO TERRORISTA  
LINHAS COMUNS E VULNERABILIDADES**

**MAJ INT António José Pereira Cancelinha**

Trabalho de Investigação Individual do Curso de Estado-Maior Conjunto  
2011/2012

Versão provisória

Lisboa – 2012



**INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES**

**O CICLO DA AÇÃO TERRORISTA  
LINHAS COMUNS E VULNERABILIDADES**

**MAJ INT António José Pereira Cancelinha**

Trabalho de Investigação Individual do Curso de Estado-Maior Conjunto  
2011/2012

Orientador:

MAJ INF António Pedro V. S. Cordeiro de Menezes

Lisboa – 2012



## Dedicatória

Aproveito esta oportunidade para dedicar o esforço despendido na elaboração deste trabalho, a todos aqueles que pelas mais diversas razões, serviram como fonte de inspiração.

Em primeiro lugar à minha família, à Lídia e às minhas duas princesas Íris e Maria, pelo amor e incentivo que me transmitiram diariamente.

Em segundo lugar, à família “Comandos”, por tudo aquilo que me proporcionou, principalmente nos últimos dez anos, que serviu para o meu enriquecimento tanto profissional como também pessoal.

Mas tenho a obrigação de destacar dois dos mais ilustres “Comandos” que conheci, tive o prazer de comandar, trabalhar e muito aprender, pelo seu profissionalismo, pela sua elevada lealdade, pela sua frontalidade e personalidade. Infelizmente já não se encontram entre nós, mas naturalmente fazem parte do grupo restrito de heróis nacionais. São eles o *Primeiro Sargento Roma Pereira*, que morreu ao serviço da pátria, no Afeganistão, a combater o terrorismo e o *Sargento Ajudante Walter Rasoilo* que sucumbiu a uma árdua guerra contra o cancro, que travou estoicamente durante algum tempo. O espírito de missão, espírito de sacrifício, a dedicação e o empenho que sempre demonstraram, a alegria que transmitiam no trabalho era contagiante e hoje sempre que deles me recordo, sinto como uma obrigação, *procurar sempre fazer mais e melhor*.

Não menos importante, dedico também este trabalho a todos os militares que tive o prazer de comandar na primeira companhia de Comandos, os “*Morcegos*”, em Timor Leste, mas principalmente no Afeganistão. Destaco o extraordinário espírito de sacrifício, espírito de missão que demonstraram ao longo de 42 dias, que operaram no Sul do Afeganistão, em condições extremamente adversas, onde a atividade insurgente naquele teatro de operações era mais ativa e perigosa, momentos que mais pareciam *um jogo de roleta russa*. Mas o auge materializou-se no dia *08 de junho de 2008 pelas 22 horas*, quando sofremos uma emboscada, realizada pelos *Taliban* na região e *Wardak*, onde a minha viatura foi atingida, só através de uma rápida e musculada resposta pelo fogo foi possível abandonar aquele local, com apenas dois feridos ligeiros e uma viatura danificada, onde aqueles bravos soldados portugueses mais uma vez demonstraram o seu real valor, mesmo debaixo do fogo intenso do inimigo, contribuindo dessa forma para que eu e a restante tripulação da viatura não tivesse encontrado a *morte* naquele momento e naquele local, a todos eles a minha eterna gratidão.



## **Agradecimentos**

Ao fim de longas horas de trabalho e dedicação, é possível apresentar um produto, fruto das inúmeras pesquisas, leituras e discussões sobre a temática abordada.

Início os agradecimentos pelo senhor Major Cordeiro de Menezes, meu camarada e amigo, pela forma dedicada e pela elevada competência demonstrada na tarefa de orientador deste trabalho, onde todas as indicações por si transmitidas foram de extrema utilidade para a organização e elaboração do mesmo. As longas reuniões de coordenação permitiram, sempre a discussão sobre diferentes pontos de vista do objeto de estudo em causa e contribuíram de forma significativa para o enriquecimento do trabalho. Os seus contributos permitiram, identificar de forma mais clara e objetiva qual o caminho a seguir e cumprir o calendário inicialmente acordado no plano de trabalho.

Quero agradecer ao Major Paulo Dias, meu camarada e amigo, pelo auxílio que prestou na obtenção de documentação para a pesquisa.

O curso de Estado-Maior tem como objetivo, habilitar os discentes para tralhar em grupo, dessa forma pretendo também agradecer a todos os camaradas do Curso de Estado-Maior Conjunto 2011/12, todo o apoio prestado e os seus contributos para a realização de todos os trabalhos que tivemos de realizar ao longo do ano letivo. Mas queria salientar de forma especial, todo o apoio, a camaradagem e a perseverança que os meus amigos da *Equipa Bravo* demonstraram ao longo do tempo que trabalhamos juntos, o meu muito obrigado ao Capitão Tenente Miranda, Major Emílio, Major Ramalho e Major Letras, sem a ajuda destes extraordinário e distintos oficiais não seria possível atingir os objetivos definidos.

Para os meus companheiros de viagem, da TP de Mafra, também uma palavra especial de apreço pela paciência, amizade, disponibilidade e espírito de camaradagem que os caracterizam, Major Varino, Major Rocha e Silva e Major Seabra.

Finalmente quero agradecer de forma muito especial, a toda a minha família. Sem o apoio da Lídia e das minhas princesas Íris e Maria, sem a sua compreensão para o meu *modus vivendi* como “Morcego”, nada disto seria possível.

*"Deus quer, o Homem sonha e a obra nasce."* (Fernando Pessoa)



## Índice

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>1. O ciclo de planeamento e ação terrorista .....</b>	<b>6</b>
<b>a. O terrorismo.....</b>	<b>6</b>
<b>(1) Caraterização das organizações terroristas.....</b>	<b>8</b>
<b>(2) Dimensão geográfica do terrorismo .....</b>	<b>10</b>
<b>b. Ciclo de planeamento e ação terrorista .....</b>	<b>11</b>
<b>c. Síntese conclusiva .....</b>	<b>19</b>
<b>2. O combate ao terrorismo .....</b>	<b>21</b>
<b>a. Serviços de informações.....</b>	<b>25</b>
<b>b. Antiterrorismo .....</b>	<b>26</b>
<b>c. Contra terrorismo .....</b>	<b>28</b>
<b>d. Síntese conclusiva .....</b>	<b>31</b>
<b>3. Combate ao terrorismo vs ciclo de planeamento e ação terrorista.....</b>	<b>32</b>
<b>a. Combater o terrorismo explorando as vulnerabilidades do ciclo .....</b>	<b>32</b>
<b>b. Estudo de caso .....</b>	<b>38</b>
<b>c. Síntese conclusiva.....</b>	<b>40</b>
<b>Conclusões.....</b>	<b>41</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>46</b>



## Índice de figuras

<b>Fig. nº 1 – <i>The terrorism equation</i> .....</b>	<b>7</b>
<b>Fig. nº 2 – Estrutura das organizações terroristas .....</b>	<b>9</b>
<b>Fig. nº 3 – Ciclo genérico de planeamento e ação terrorista .....</b>	<b>11</b>
<b>Fig. nº 4 – Ciclo de planeamento e ação terrorista .....</b>	<b>13</b>
<b>Fig. nº 5 – Combate ao terrorismo .....</b>	<b>23</b>
<b>Fig. nº 6 – Plano de combate ao terrorismo .....</b>	<b>32</b>
<b>Fig. nº 7 – Modelo de combate ao terrorismo .....</b>	<b>42</b>



## **Resumo**

O terrorismo é uma técnica, caracterizada por ações violentas contra a população civil, utilizada por determinados indivíduos, grupos e organizações, para atingir objetivos políticos. Hoje, os terroristas e as organizações terroristas, são uma das maiores ameaças para os povos ocidentais. O 11 de setembro de 2001, contribuiu de forma significativa para o despertar das atenções, para esta problemática, obrigando à implementação de estratégias de combate ao terrorismo, com o objetivo de o impedir ou minimizar os danos provocados.

É neste sentido que pretendemos estudar o ciclo de planeamento e ação terrorista, com o objetivo de identificar as suas vulnerabilidades para implementar as necessárias medidas defensivas e ações ofensivas, que possam contribuir da forma mais eficaz para o combate ao terrorismo.

Para atingir estes objetivos procuraremos identificar, no âmbito interno e externo, quais os pontos fortes e vulnerabilidades que o ciclo de planeamento e ação terrorista e o combate ao terrorismo apresentam. De forma a explorar os pontos fracos do ciclo de ação terrorista através dos pontos fortes do combate ao terrorismo.

Assim, este estudo vem demonstrar que as vulnerabilidades do ciclo de planeamento e ação terrorista estão relacionadas com falta de proficiência técnica e operacional dos elementos que planeiam e executam os ataques terroristas.

As conclusões a que chegamos permitem apresentar um modelo de combate ao terrorismo, assente em informações, medidas de antiterrorismo e ações de contra terrorismo.



## **Abstract**

*Terrorism is a technique, characterized by violent actions against civilians, used by certain individuals, groups and organizations, to achieve political goals. Today, terrorists and terrorist organizations are a major threat to Westerners. The September 11, 2001, contributed significantly to the awakening of attention to this problem, necessitating the implementation of strategies to combat terrorism, aimed at preventing or minimizing the damage.*

*This is why we intend to study the terrorist planning cycle, in order to identify their vulnerabilities to implement the necessary defensive measures and offensive actions that can contribute most effectively to combat terrorism.*

*To achieve these objectives seek to identify, within the internal and external, which the strengths and vulnerabilities that the terrorist planning cycle and fighting terrorism present. In order to exploit the weaknesses of the terrorist planning cycle through the strengths of combating terrorism.*

*Thus, this study demonstrates that the vulnerabilities of the terrorist planning cycle are related to lack of technical proficiency and operational elements that plan and execute terrorist attacks.*

*The conclusions that we allow to present a model to combat terrorism, based on intelligence, antiterrorism measures and counterterrorism actions.*



**Palavras-chave:**

Terrorismo

Combate ao terrorismo

Antiterrorismo

Contra terrorismo

Organização Terrorista

Ciclo



**Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos:**

22SAS – *22nd Special Air Service Regiment*  
AC – Antes de Cristo  
CCTV - *Closed-circuit television*  
CEO-DAT - *Centre of Excellence Defence Against Terrorism*  
CNN - *Cable News Network*  
CSI – *Crime Scene Investigation*  
CSNU – Conselho de Segurança da Nações Unidas  
DHS – *Department of Homeland Security*  
EUA – Estados Unidos da América  
FFAA – Forças Armadas  
GEOINT – *Geospatial Intelligence*  
GIGN – *Groupe d'Intervention de la Gendarmerie Nationale*  
GSG9 – *Grenzschutzgruppe 9*  
H – Hipótese  
HUMINT - *Human Intelligence*  
IESM – Instituto de Estudos Superiores Militares  
IMINT - *Image Intelligence*  
INPU – Instituto Nacional de Pesquisas Ufológicas  
IRA – *Irish Republican Army*  
LCO – Linha da Capacidade Operacional  
LM – Linha da Motivação  
NATO – *North Atlantic Treaty Organization*  
NT – Nível de Terror  
ONU – Organização das Nações Unidas  
OSCE – Organização para a Segurança e Cooperação na Europa  
OSINT – *Open Source Intelligence*  
OT – Organização Terrorista  
PETN – *Tetranitrato de Pentaeritrol*  
PIPS – *Project on International Peace and Security*  
PSI – *Praeger Security International*  
QD – Questão Derivada



QP – Questão de Partida

SI – Sistema Internacional

SIGINT – *Signals Intelligence*

SRSI – *Special Readiness Services International*

STRATFOR – *Strategic Forecasting*

TATP – *Triacetona Triperóxido*

TO – Teatro de Operações

UE – União Europeia

US – *United States*

USA – *United States of America*

VS - *Versus*



## Introdução

O terrorismo é um tema de elevada importância nos dias de hoje, pela destabilização que causa nas sociedades livres. Como afirma *Jaime Pinsky*: “No decorrer dos anos 70, praticamente todos os países ocidentais tiveram de enfrentar episódios traumáticos vinculados a atos terroristas, ocorrências que invariavelmente causaram forte comoção na opinião pública mundial. Desde então, as sociedades ocidentais tiveram de conviver com o medo constante, causado pela perspectiva sempre presente de um ataque terrorista” (*Pinsky & Pinsky*, 2004, p. 228).

O primeiro-ministro Britânico *Tony Blair*, após os ataques de 07 de julho de 2005, em declarações no canal de televisão *CNN<sup>1</sup> News* proferiu as seguintes palavras: “É importante, no entanto, que as pessoas envolvidas com o terrorismo percebam que a nossa determinação em defender os nossos valores e o nosso modo de vida é maior do que a sua determinação para causar morte e destruição a pessoas inocentes num desejo de impor o extremismo no mundo.” (*Blair*, 2005)

O terrorismo está em expansão, é um assunto que não deve ser ignorado, pois afeta todos os países, direta ou indiretamente. Conforme referido por *Boaz Ganor* em entrevista publicada na revista *Segurança e Defesa* “Há 15, 20 anos, as pessoas diziam que isto era um problema do Médio Oriente, na Ásia central, e depois passou para África, depois para os Estados Unidos da América (EUA), para a Europa, Inglaterra, Espanha” (*Ganor*, 2011).

Nos dados publicados pelo *Centre of Excellence Defence Against Terrorism (CEO-DAT)*, centro de excelência da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO)) no seu *Site da Internet*, nos relatórios mensais “*Monthly Terrorism Report*”, indica que em 2011 foram registados na Europa 157 ataques dos quais resultaram 13 mortos, 60 feridos e um sequestrado. (*CEO-DAT*, 2011)

O tema que nos propomos investigar é, o ciclo da ação terrorista<sup>2</sup>, linhas comuns e vulnerabilidades<sup>3</sup>. Um ataque terrorista comporta diversas fases, desde o planeamento ao ataque propriamente dito e à fuga, passando pela escolha do alvo, pela conjugação e seleção dos meios humanos e materiais que vão estar envolvidos e ainda pela seleção do tipo de cobertura mediática pretendida. Explorar as vulnerabilidades do ciclo dum ação

---

<sup>1</sup> *Cable News Network*

<sup>2</sup> Apesar de ser este o título proposto, optamos por usar no trabalho designação de ciclo de planeamento e ação terrorista.

<sup>3</sup> Em nosso entender vulnerabilidade é um ponto fraco que pode ser explorado.



terrorista no ar, no mar e em ambiente urbano. Identificar as ações ou medidas preventivas que podem ser implementadas para travar, adiar, minimizar ou esvaziar de conteúdo uma ação terrorista.

O trabalho de investigação terá por base conceito de terrorismo, que no nosso entender é uma ação violenta, usada deliberadamente contra civis, a fim de alcançar objetivos políticos (Ganor, 2005, p. 19).

O objeto de estudo do presente trabalho é o ciclo de planeamento e ação terrorista. Vamos identificar as vulnerabilidades do ciclo de planeamento e ação terrorista e através da sua exploração contribuir para a eficácia do combate ao terrorismo.

Sendo o terrorismo um assunto abrangente, por questões temporais e pela dimensão do trabalho, o estudo vai incidir sobre o combate ao terrorismo islâmico, tendo como base de análise os ataques terroristas na Europa e nos EUA, no período compreendido entre 11 de setembro de 2001 até aos dias de hoje. Porque o terrorismo de inspiração religiosa está em ascensão, os terroristas e organizações islâmicas têm sido os mais ativos, são a maior e mais recente ameaça da Europa e dos EUA (USA<sup>4</sup> Army, 2007, p. 2-8). Focado nos países da Europa<sup>5</sup>, onde Portugal se insere, e os EUA porque neste país têm sido desenvolvidos inúmeros estudos sobre esta temática, porque partilham um padrão de vida ocidental, têm semelhanças do ponto de vista cultural e têm desenvolvido a cooperação no combate ao terrorismo. A partir do 11 de setembro porque é um marco histórico, foi a data a partir da qual os países ocidentais tiveram consciência da capacidade e dos efeitos que o terrorismo pode causar.

Com este trabalho de investigação pretende-se, analisar como poderá ser efetuado o combate ao terrorismo, através da exploração das vulnerabilidades do ciclo de planeamento e ação terrorista, considerando as organizações terroristas (OT) como uma ameaça<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> United States of America

<sup>5</sup> Países da União Europeia, incluindo os que fazem parte do espaço Schengen e países europeus que integram a NATO com exceção da Turquia.

<sup>6</sup> Segundo o General Cabral Couto, “ameaça é qualquer acontecimento ou ação (em curso ou previsível), de variada natureza (militar, económica, ambiental, etc.) que contraria a consecução de um objetivo e que, normalmente, é causador de danos, materiais ou morais, sendo que no âmbito da estratégia consideram-se principalmente as ameaças provenientes de uma vontade consciente, analisando o produto das possibilidades pelas intenções” (Couto, 1988; p. 329).



transnacional<sup>7</sup>. Identificar os pontos fracos das OT, na condução do seu ciclo de planeamento e ação, para aplicar de forma eficaz medidas de combate ativas e/ou passivas.

Pretende-se como resultado da investigação, construir um modelo de combate ao terrorismo tendo em consideração o ciclo de planeamento e ação terrorista.

Para o desenvolvimento do presente trabalho de investigação propomos a seguinte Questão de Partida (QP):

***QP: Como as vulnerabilidades do ciclo de planeamento e ação terrorista, influenciam o combate ao terrorismo?***

Para nos ajudar a atingir os objetivos específicos, propomos as seguintes Questões Derivadas (QD):

QD1: Como se efetua o ciclo de planeamento e ação terrorista?

QD2: Como se efetua o combate ao terrorismo?

À presente Questão de Partida foram levantadas as seguintes Hipóteses (H), as quais uma vez confirmadas ou infirmadas:

H1: A execução de uma ação terrorista requer um processo sistemático de planeamento, coordenação e controlo, semelhante a um ciclo de planeamento, para atingir os objetivos pretendidos.

H2: O combate ao terrorismo é efetuado, através da exploração das vulnerabilidades do ciclo de planeamento e ação terrorista, resultantes do comportamento dos terroristas que originam falhas, no planeamento e na execução.

As leituras foram efetuadas tendo por base as seguintes obras, que contribuíram, para a caracterização do terrorismo e identificação da forma como o combater:

*Inside Terrorism* (Hoffman, 2006). O autor é o diretor do Centro para Estudos sobre Paz e Segurança em Walsh da Universidade de Georgetown School of Foreign Service e um especialista no estudo do terrorismo e contra-insurgência. Bruce Hoffman descreve as mudanças do terrorismo, analisando os novos adversários, as novas motivações e os novos métodos, que surgiram nos últimos anos, para caracterizar os terroristas e como eles operam. Hoffman analisa o terrorismo do passado até ao presente, traçando a sua evolução e procura antever como se vai comportar no próximo século. *Inside Terrorism* apresenta

---

<sup>7</sup> De acordo com Garcia, as ameaças transnacionais, são ameaças não-militares que cruzam as fronteiras e que simultaneamente ameaçam a integridade social e política dos Estados ou mesmo a saúde dos seus habitantes, bem como a sua qualidade de vida. (Garcia, 2006)



um retrato das novas ameaças, porque influenciam cada vez mais a paz e a estabilidade mundiais.

*The Counter-Terrorism Puzzle*, (Ganor, 2005). O autor do livro, é investigador de contra terrorismo (há 25 anos que estuda este fenómeno) e dirige o Instituto de Contra Terrorismo<sup>8</sup>, em Israel. O livro analisa diferentes modelos e abordagens para a tomada de decisão sobre o terrorismo. Este é um livro sobre como combater o terrorismo, onde o autor apresenta formas para derrotar o terrorismo e analisa as medidas que são necessárias implementar para impedir a ação dos terroristas. Boaz Ganor é um crítico da estratégia israelita de combate ao terrorismo e acredita que é com a educação que, a longo prazo, se pode travar a radicalização dos grupos islâmicos. Na sua tese de doutoramento, que serviu de suporte para o livro, analisou “o dilema das sociedades democráticas no combate ao terrorismo”, o grande dilema do século XXI. Na opinião de Ganor (2011), “há um valor que se sobrepõe a todos os outros: o direito à vida e a tudo fazer para a defender”.

*Countering Terrorism and Insurgency in the 21st Century* (PSI, 2007). O livro analisa as dimensões do combate ao terrorismo, incluindo considerações de ordem tática e estratégica (*hard power, soft power e counterintelligence*), a necessidade de impedir que as fontes de apoio operem (o tráfico de drogas, armas e seres humanos), e a incorporação das lições aprendidas até ao momento, de âmbito global<sup>9</sup> no combate ao terrorismo. Contribui para a compreensão da ameaça terrorista, a forma como pode ser combatida e qual a política de segurança a implementar. A obra aborda o tema do terrorismo de três vertentes divididas em três volumes. No primeiro aborda as considerações táticas e estratégicas do combate ao terrorismo. No segundo aborda o combate às OTe seus apoiantes. No terceiro apresenta estudos de caso de ataques terroristas, apesar de não abordar o tema específico permite analisar diversos tipos de ataque em áreas geográficas diversificadas. Considera-se que os ensaios que mais se prendem com a temática são, os atentados de *Madrid* em 11 de março 2004 e os atentados de Londres em 07 de julho de 2005.

Na pesquisa bibliográfica realizada, foi ainda identificado um relatório sobre *Underlying reasons for success and failure of terrorist attacks: selected case studies* (DHS, 2007), onde foram analisados ataques terroristas com e sem sucesso. Com o recurso

---

<sup>8</sup> É um estabelecimento de ensino superior especializado, que junta operacionais de segurança com académicos de várias disciplinas.

<sup>9</sup> Em todos os países, que sofreram atentados terroristas e tiveram de implementar medidas de combate ao terrorismo.



a esta publicação é possível apresentar um estudo de caso que permite analisar o ciclo de planeamento e ação terrorista e identificar as suas vulnerabilidades.

Propomo-nos efetuar a pesquisa de informação recorrendo a obras, trabalhos e estudos publicados por autores ou instituições de referência, tanto no âmbito do terrorismo como no âmbito do combate ao terrorismo.

Quanto ao percurso metodológico, seguiremos o processo hipotético-dedutivo. Após a recolha dos dados, procuraremos identificar, no âmbito interno e externo, quais os pontos fortes e vulnerabilidades que o ciclo de planeamento e ação terrorista apresenta de forma a identificar as suas fraquezas. Como resultado da análise apresentamos um modelo de combate ao terrorismo.

Seguido da introdução, o primeiro capítulo, o ciclo de planeamento e ação terrorista, neste capítulo pretendemos abordar a evolução histórica do terrorismo, efetuar a caracterizar o conceito de terrorismo, caracterizar de uma forma sistemática as OT e apresentar a dimensão geográfica do terrorismo. Pretendemos ainda, descrever o ciclo de planeamento e ação terrorista, que é um processo transversal a todas as formas de terrorismo<sup>10</sup>, para identificar as suas vulnerabilidades, que representam o ponto de partida para o desenvolvimento do trabalho.

No segundo capítulo, o combate ao terrorismo, pretendemos efetuar a caracterização desse conceito, bem como apresentar as dimensões onde ele assenta, informações, antiterrorismo e contra terrorismo, realçando os pontos fortes das mesmas e indicar de que forma podem contribuir para o combate ao terrorismo. No âmbito do antiterrorismo serão apresentadas as mediadas que podem ser implementadas, no que respeita ao contra terrorismo serão apresentadas as ações que podem ser desencadeadas.

No terceiro capítulo, vamos analisar de que forma as potencialidades das três dimensões do combate ao terrorismo podem explorar das vulnerabilidades do ciclo de planeamento e ação terrorista. Vamos analisar um estudo de caso que, para o efeito, se vai centrar no ataque aos meios de transporte de Londres em 21 de julho de 2005, procurando identificar quais foram as suas falhas e como contribuíram para o resultado final.

Nas conclusões pretendemos apresentar a proposta de um modelo, para o combate ao terrorismo.

---

<sup>10</sup> Com recurso aos métodos mais vulgarmente utilizados (armas de fogo e/ou explosivos), com recurso a armas de destruição massiva (nomeadamente armas químicas), fazendo uso da tecnologia (*cyberataques*).



## 1. O ciclo de planeamento e ação terrorista:

O terrorismo não é um assunto recente, os registos históricos sobre o mesmo remontam a 384 A.C, na Grécia cujos governantes utilizavam a tirania como forma de governação (Weinberg, 2006, p. 20). Até ao século XIX destancaram-se três grupos de terroristas, os *Sicarii*<sup>11</sup>, *Hashashin*<sup>12</sup> e *Thags*<sup>13</sup>, cuja motivação era o *Nihilismo*<sup>14</sup>, após o século XIX, o terrorismo passou a ser uma técnica utilizada por organizações cuja motivação era o anarquismo<sup>15</sup>, que perdurou até ao início do século XX. Após a primeira guerra mundial e até 1960, o terrorismo passou a ter como motivações o nacionalismo. No período entre 1960 a 1970 foi caracterizado pelo terrorismo ideológico, de orientação política. Após 1979 surgiu o terrorismo religioso, que no início do século XXI, passou a ser âmbito transnacional. (Smith, 2008, pp. 18-40)

### a. O terrorismo

O terrorismo é um fenómeno que tem existido ao longo da história, e vai perdurar ao longo do tempo (Smith, 2008, p. 16). Este fenómeno remonta há trezentos anos antes de Cristo e atualmente é uma ameaça presente na sociedade moderna. Hoje as OT têm acesso às tecnologias de informação, que permitem comunicar, recrutar e obter os meios materiais necessários para realização dos ataques, permitem ainda explorar o sucesso das suas ações, através da divulgação dos vídeos efetuados, contribuindo assim para obtenção de cada vez mais seguidores com vontade de apresentar resultados.

Ganor (2005), apresenta o conceito de terrorismo, como sendo uma ação violenta, usada deliberadamente contra civis, a fim de alcançar objetivos políticos. É considerada uma ação violenta, porque recorre a diferentes meios (armas, explosivos, meios de transporte), cuja imagem de marca é apresentada pela “espetacularidade” do ato, através da cobertura mediática conseguida, bem como pela quantidade de vítimas que são atingidas. Efetuar os ataques contra civis visa causar o terror<sup>16</sup> na população, bem como descredibilizar o poder político, porque demonstram que não consegue garantir os objetivos teológicos “segurança e bem-estar”, e aumentar o clima de insegurança. Qualquer ato terrorista procura passar uma mensagem, no mínimo procura questionar a

---

<sup>11</sup> Os *Sicarii* são a mais antiga organização terrorista, operava na Palestina no primeiro século A.C.

<sup>12</sup> Os *Hashashin* operavam na Pérsia e na Síria entre 1090 e 1275.

<sup>13</sup> *Thags* operaram entre os séculos XIII e XIX na Índia.

<sup>14</sup> Defende a destruição, dos governos existentes.

<sup>15</sup> Defende a destruição, dos governos e de todas as instituições sociais e estruturas existentes.

<sup>16</sup> Atuando ao nível psicológico.



ação do poder instituído, a busca do poder, a aquisição de poder e o uso do poder para conseguir uma mudança política.

Segundo aquele autor, podemos analisar o terrorismo em forma de equação, que apresenta como sendo o somatório da motivação e da capacidade operacional de um determinado indivíduo ou organização (Ganor, 2005, p. 42).



Fig. nº 1 – *The terrorism equation* (Ganor, 2005, p. 42)

Bolz (2002, p. 101) refere que o sucesso das OT deve-se aos seguintes fatores: (i) mobilidade<sup>17</sup>; (ii) comunicações<sup>18</sup>; (iii) segurança; (iv) sistemas legais democráticos<sup>19</sup>; (v) fácil acesso a armas e explosivos; (vi) vulnerabilidades dos alvos<sup>20</sup>.

As OT, para desencadear um ataque necessitam que os seus elementos estejam motivados e em sintonia com os seus objetivos “políticos”. Mas a motivação por si só não permite obter os resultados pretendidos, é necessário dispor de capacidade operacional, que é obtida através do acesso a armas e explosivos, garantindo que as suas operações são efetuadas com a máxima segurança, explorando a liberdade de movimentos e a capacidade de comando e controlo. Dispondo das duas variáveis, é possível efetuar ações violentas, fazendo uso dos fatores, surpresa e inovação, para atingir alvos vulneráveis (população civil), provocando vítimas (mortos e feridos) mas o mais importante, provocar a sensação de medo (fator psicológico) e insegurança.

De acordo com o *The National Security Strategy of the United States*, "O terrorismo é, entre outras coisas, uma arma usada pelos fracos contra os fortes."

Para formular o conceito de terrorismo, devemos verificar como se manifesta, qual é o seu alvo e qual é o seu objetivo. Desta forma podemos afirmar que, o terrorismo, manifesta-se de forma violenta, tem como alvo a população civil, procura atingir objetivos políticos.

<sup>17</sup> Dispõe de liberdade de movimentos.

<sup>18</sup> Permitem às organizações terrorista planear ataques contra alvos múltiplos e distribuir os seus elementos por uma área geográfica maior.

<sup>19</sup> Permitem alcançar o sucesso.

<sup>20</sup> Os terroristas preferem atacar alvos com menos segurança para garantir o sucesso da sua ação.



### (1) Caracterização das organizações terroristas

Para além da motivação existem diferentes formas de caracterizar as OT. Os critérios específicos podem ser, os apoios, as ideologias, categorização geográfica, formas de atuação e recrutamento (USA Army, 2005, p. 3.7).

Os grupos terroristas no que respeita aos apoios, podem ter filiação com os governos que lhe fornecem informações, permitem o acesso a diferentes tipos de armas e poderão ser dirigidos, apoiados ou não pelo Estado, com ideologias que podem ser de orientação política, religiosa ou social (USA Army, 2005, pp. 3.8-3.10).

As OT de acordo com a sua localização ou categoria geográfica podem ser nacionais ou internacionais. Relativamente às organizações internacionais estas podem desenvolver terrorismo internacional<sup>21</sup> ou terrorismo transnacional<sup>22</sup> (USA Army, 2005, p. 3.11).

Para atingir os seus objetivos, utilizam como formas de atuação os assassinatos, os ataques com recurso a engenhos explosivos, os sequestros de reféns, os raptos, efetuam desvio e tomada de meios de transporte, fazem sabotagens e captura de instalações. As suas ações caracterizam-se pela surpresa, o segredo, a inovação e métodos de ataque indiretos (USA Army, 2005, pp. C1 - C12).

Para obter os recursos humanos, recorrem ao recrutamento, que é executado de forma direta ou indireta. Garcia (2009, pp. 90-92) refere “que as fontes de recrutamento e os motivos para adesão são diversos e estão sobretudo associadas à revolta com situações sociais degradantes, a fatores culturais considerados humilhantes, a injustiça, a desigualdades e a xenofobia”. Atualmente uma das formas de recrutamento utilizada pelas OT é a *Internet*, especialmente os jovens, através de salas de *chat online* e *cybercafés* (Weimann, 2004, p. 8). Recorrendo à tecnologia interativa utilizada em *sites* personalizados para encontrar usuários, que parecem receptivos, à mensagem terrorista, tornando-se assim os alvos ideais para ser recrutados (Thornton, 2010, p. 2).

---

<sup>21</sup> Os grupos terroristas internacionais, tem a sua base instalada num país, mas operam (desencadeiam ataques) em vários, normalmente em países vizinhos. São apoiados direta e/ou indiretamente pelo país onde estão instalados (USA Army, 2005, p. 3.11).

<sup>22</sup> Grupos terroristas transnacionais, operam internacionalmente, mas não estão vinculados a um determinado país, ou mesmo região. Os seus objetivos afetam dezenas de países com diferentes sistemas políticos, religiões, composições étnicas, e os interesses nacionais (USA Army, 2005, p. 3.11).



As organizações terroristas normalmente dispõem da seguinte estrutura:



Fig. nº 2 – Estrutura das Organizações Terroristas. Elaborada pelo autor com base (USA Army, 2007, p. 3.3)

De acordo com o USA Army (2007), normalmente a estrutura das OT era constituída por quatro níveis, líderes, operacionais, apoiantes ativos e apoiantes passivos. Atualmente pode-se considerar a existência de mais um nível, os simpatizantes.

Os Líderes definem a orientação e a política da organização. Aprovam os objetivos a atingir, e fornecem as orientações gerais para as operações.

Os operacionais, são os membros ativos da OT. São eles que elaboram os planos e realizam as operações. Também desempenham tarefas, de gestão financeira, de obtenção de informações, apoio logístico, propaganda e comunicação.

Apoiantes ativos, apoiam na captação de recursos e atividades de informação da OT. Também podem realizar atividades de pesquisa de informações e vigilância. Os apoiantes ativos estão plenamente conscientes da sua relação com a OT, mas normalmente não cometem atos violentos.

Apoiantes passivos são indivíduos ou grupos que se identificam com objetivos e intenções de uma OT, mas não estão comprometidos o suficiente para assumir um papel ativo no terrorismo.

Os Simpatizantes, são normalmente jovens que se identificam com a ideologia e objetivos das OT e esporadicamente podem de forma voluntária participar nas atividades das OT, sem manter qualquer vínculo ou interesse. Podem até efetuar ataques. (USA Army, 2007, pp. 3.3-3.4)



## (2) Dimensão geográfica do terrorismo

Com as alterações do Sistema Internacional (SI) provocadas pela queda do muro de Berlim, a segurança dos Estados passou a ter um entendimento alargado, pois passou a incluir outras vertentes que não só a vertente militar, como seja por exemplo, a segurança económica, segurança ambiental, onde os Estados procuram partilhar valores e interesses comuns, optando por sistemas de segurança coletiva e cooperativa como seja a Organização das Nações Unidas (ONU), NATO e Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE). A partir desse momento revelaram-se novas ameaças e riscos. (Garcia, 2006)

Um dos fenómenos que rege a relação entre os atores do SI é a globalização<sup>23</sup> que se entendida num sentido amplo se torna um fator facilitador de ações das OT (Smith, 2008).

Com o efeito da globalização, o recurso às novas tecnologias, permitiu que o terrorismo, à semelhança de outras organizações, passasse a ter um caráter transnacional, associado à permeabilidade das fronteiras. Permite a circulação praticamente sem controlo contribuindo para a liberdade de movimentos dos elementos das OT e possibilidade de obter o efeito surpresa (Garcia, 2006).

Segundo Garcia (2009, p. 86), o terrorismo transnacional caracteriza-se por organizações armadas de estrutura adaptativa complexa, que possui intenções, objetivos, financiamento e recrutamento globais e é apoiada por vastas camadas populacionais que partilham a mesma ideologia ou religião.

“O terrorismo transnacional procura atingir os pontos mais críticos de convergência entre a sociedade e o aparelho do Estado e está mais vocacionado para desgastar o poder que desafia, ou para promover a sua rejeição, do que para o derrubar, procurando forçar um comportamento repressivo, logo comprometedor, e demonstrar a ineficácia da prevenção” (Monteiro, 2002; citado por Garcia, 2009, p. 86). Consideramos assim o terrorismo transnacional<sup>24</sup> é aquele que cruza fronteiras para preparar, planear e executar ataques terroristas, para atingir objetivos políticos.

---

<sup>23</sup> Caracteriza-se pelo envolvimento de um determinado estado do mundo, em redes de interdependência multicontinental, “ligadas através de fluxos e influências de capital e bens, informação e ideias, de pessoas e força...” (Nye & Donahue, 2000). Nye é o reitor da *John F. Kennedy School of Government, Harvard University*.

<sup>24</sup> Apoiado pelo estado, de forma direta ou indireta, onde a OT tem a sua base implantada.



Enquanto no terrorismo internacional as OT, tem a sua base instalada num país, mas desencadeiam ataques em vários países<sup>25</sup>, no terrorismo transnacional as OT operam internacionalmente, mas não estão vinculados a um determinado país, ou mesmo região, tem bases instaladas em vários países.

### b. Ciclo de planeamento e ação terrorista

De acordo com o apêndice A, ao livro *A Military Guide to Terrorism in the Twenty-First Century* (2007), as atuais ameaças terroristas exibem organização com uma crescente capacidade de aprendizagem. As Células terroristas procuram reunir dados e informações, analisar pontos fortes e fraquezas, determinar os padrões, tendências e ações emergentes, identificar as vulnerabilidades na segurança de um adversário para atacar (USA Army, 2007, p. A2).

De uma forma genérica o ciclo de planeamento e ação terrorista pode dividir-se em três grandes momentos: o planeamento, a execução e a exploração dos resultados.



Fig. nº 3 – Ciclo genérico de planeamento e ação terrorista

O USA Army ( 2007, pp. A1-A6) caracteriza o ciclo como tendo sete fases , que são elas as seguintes: (i) seleção de um alvo genérico; (ii) recolha de informações e vigilância; (iii) seleção do alvo específico; (iv) vigilância pré-ataque e planeamento final; (v) ensaios/treinos; (vi) ações no objetivo; (vii) fuga, evasão e exploração.

<sup>25</sup> Normalmente países vizinhos.



Nance<sup>26</sup> (2006, pp. 213-223), refere que o ciclo de ação terrorista é constituído por dez fases que são elas: (i) período tomada de decisão para a execução do ataque; (ii) recolha de informação e vigilância; (iii) seleção final do alvo e planeamento; (iv) obtenção dos recursos para a operação; (v) decisão, *Go-No-Go*, para as operações táticas; (vi) movimento para o objetivo; (vii) ação no objetivo; (viii) extração e retirada; (ix) reagrupar, rearmar e exfiltração; (x) negociação/credibilidade/debriefing e lições aprendidas.

Já a *STRATFOR*<sup>27</sup> (2012) salienta que um ciclo de ataque terrorista é constituído por seis etapas: (i) seleção de alvos; (ii) planeamento; (iii) implantação; (iv) ataque; (v) fuga; (vi) exploração.

Da nossa análise consideramos que o ciclo definido Nance (2006), apresenta várias fases que podem ser agrupadas de uma outra forma, tendo em atenção as tarefas que são necessárias realizar. Assim a fase cinco *Go-No Go* está sempre presente até se iniciar a fase sete pois a qualquer momento a missão pode ser abortada, dependendo da capacidade de recolha de informação, medidas de segurança existentes na área do objetivo incapacidade de obtenção de recursos, grau de dificuldade da operação atendendo ao nível de treino e conhecimentos de quem vai executar a ação. A fase seis está naturalmente associada à fase sete, porque para executar a ação tem de efetuar o movimento até ao objetivo. Também as fases oito, nove e dez podem fundir-se em apenas uma «fuga, evasão e exploração».

Relativamente ao ciclo definido pela *STRATFOR* (2012), consideramos que o mesmo é em tudo semelhante ao preconizado no documento elaborado pelo *USA Army* (2007).

Nesse sentido, consideramos que o ciclo definido no livro, *A Military Guide to Terrorism in the Twenty-First Century* (2007), apresenta uma sistematização mais perceptível e objetiva das suas fases constituintes. À semelhança de um qualquer ciclo de planeamento, a sistematização do processo de planeamento de uma ação terrorista pode ser afetada pela forma como os seus intervenientes se comportam.

---

<sup>26</sup> É o director do *Special Readiness Services International (SRSI) a Washington DC-based anti-terrorism/counter-terrorism consultancy supporting the intelligence community*. Trabalha há 25 anos no *US intelligence community's Combating Terrorism program*. Ele passou 17 anos na implantação do *anti-terrorism and counter-terrorism intelligence operations* nos Balcãs, Médio Oriente e África sub-saariana em apoio direto ao Comando de Operações Especiais. Esteve ainda no Afeganistão e no Iraque a trabalhar na área da *intelligence*.

<sup>27</sup> Entidade que fornece informações estratégicas globais de negócios, economia, segurança e assuntos geopolíticos.



Fig. nº 4 – Ciclo de planeamento e ação terrorista, elaborado com base no USA Army (2007, pp. A1-A6)

A primeira fase, seleção de um alvo genérico, caracteriza-se pela pesquisa de informações sobre vários alvos potenciais. Os alvos potenciais são selecionados tendo por base, o objetivo pretendido, o acesso a áreas com valor simbólico, os pontos vulneráveis em infraestruturas críticas, um elevado número de vítimas e estimular a atenção dos meios de comunicação social.

A seleção de um alvo genérico é efetuada com recurso a várias fontes (*internet*, meios de comunicação social, ou outras fontes abertas). Por exemplo os elementos que recolhem as informações podem ser membros do núcleo de uma célula terrorista, simpatizantes ou mesmo pessoas que fornecem informações sem o conhecimento da intenção ou propósito. Nesta fase é efetuada a recolha de informações gerais. Algumas fontes deste tipo de recolha são histórias de jornais e outros meios de comunicação que fornecem informações de fundo. O número de alvos inicialmente selecionados nesta fase é limitado apenas pela capacidade ou incapacidade do grupo terrorista em recolher informações. Os alvos considerados vulneráveis, nesta fase, que sirvam aos objetivos dos terroristas são selecionados para a próxima fase de recolha de informações. (USA Army, 2007, p. A2)

Nesta fase em que o objetivo é identificar potências alvos, quando ainda não foi tomada a decisão de atuar, onde e contra quem ou contra o quê, as vulnerabilidades a explorar são reduzidas, porque esta fase, por norma, não carece de efetuar movimentos,



pode ser feita longe dos potenciais alvos, a partir das bases<sup>28</sup> das OT. Pode acontecer que no final desta fase o líder da OT, pretenda anunciar a intenção de uma ação futura, através de um manifesto escrito, um comunicado de imprensa, um decreto religioso, ou uma entrevista, em que diz especificamente que vai agir, permitindo assim despertar o alerta para um possível ataque (*Nance*, 2006, p. 214). Uma das formas para explorar as vulnerabilidades desta fase, é recorrer a redes tipo *Echalon*<sup>29</sup>, para intersetar comunicações entre elementos das OT e durante a ação de recrutamento com recurso à *internet*.

Na segunda fase, recolha de informações e vigilância, os alvos considerados potencialmente vulneráveis, são aqueles a que é, normalmente, dada maior atenção e a prioridade do esforço. Esta fase pode decorrer durante um período muito curto, ou pode estender-se por anos. O tipo de vigilância empregue depende do tipo de alvo e da prioridade atribuída. Os elementos de informação que são normalmente recolhidos tanto para indivíduos como para infraestruturas, incluem práticas, procedimentos e rotinas; meios de transporte e itinerários de deslocamento; medidas de segurança<sup>30</sup>. No que respeita a informações sobre medidas de segurança, os terroristas procuram identificar padrões<sup>31</sup> e rotinas (*USA Army*, 2007, pp. A2-A3).

Nesta fase o objetivo é recolher informações sobre potenciais alvos (para explorar aqueles que apresentem maior probabilidade de sucesso do ataque). As vulnerabilidades a explorar prendem-se com a necessidade dos grupos terroristas terem de se deslocar para a área do objetivo (podendo ser obrigado a passar por locais de controlo fronteiriço, aeroportos, portos) e efetuar ações de reconhecimento<sup>32</sup>. Outra vulnerabilidade prende-se com a necessidade de transmissão das informações, através de das tecnologias da informação, correio ou mensageiro, para os líderes da organização e/ou para os elementos que irão executar a operação. (*Nance*, 2006, p. 214)

A terceira fase, seleção do alvo específico, requer a recolha de informações contínua, sobre o alvo escolhido para a tomada de decisão de avançar. Para o planeamento

---

<sup>28</sup> Localizadas fora do país onde a ação vai ter lugar.

<sup>29</sup> Consiste numa rede global de computadores que tem principalmente a função de capturar, procurar e analisar mensagens, através de milhões de palavras - chaves que são pré-programadas, em chamadas telefónicas, faxes, e-mails e telex intercetados por meios eletrónicos (*INPU*, 2006).

<sup>30</sup> Esta é uma das áreas mais importantes na recolha de informações para a seleção local do ataque.

<sup>31</sup> Qual o efetivo, horários de rendição, pontos fortes na estrutura, barreiras, sensores, forma de revista a pessoal, bagagens e viaturas, e tempos de resposta em casos de emergência para unidades de intervenção.

<sup>32</sup> Observar, recolher imagens (foto e vídeo), identificar práticas, procedimentos e rotinas, e avaliar as medidas de segurança através de teste.



operacional efetivo são considerados alguns dos seguintes fatores: (i) o sucesso da ação afeta uma vasta audiência<sup>33</sup>, independentemente do número de vítimas atingidas de forma direta; (ii) o alvo selecionado irá atrair a atenção dos meios de comunicação social; (iii) o sucesso da missão transmite a mensagem desejada para o público-alvo; (iv) o efeito produzido, estará de acordo com os objetivos do grupo/organização terrorista; (v) o alvo proporciona uma vantagem relevante para grupo/organização terrorista, demonstrando a sua capacidade operacional; (vi) quais são os custos *versus* os benefícios resultantes da execução da operação. Os alvos não escolhidos poderão ser utilizados para futuros ataques. (USA Army, 2007, p. A3)

Após a escolha do alvo específico, vão ser intensificadas as ações para a pesquisa e obtenção das informações. As vulnerabilidades a explorar prendem-se com a necessidade, dos grupos terroristas, de obterem informações. Nesse sentido vão ter de se expor mais porque têm de se aproximar necessariamente dos objetivos para obter informação detalhada sobre: as rotinas do alvo; as medidas de segurança existentes. Podem, através da presença mais prolongada e repetida em determinados locais, provocar suspeitas e alertar as autoridades. Uma vez que os elementos que efetuam a vigilância poderão não ser os mesmos que vão executar o ataque, vai haver a necessidade de enviar a informação, quer pela *internet*, telemóvel ou telefone, correio ou mesmo mensageiro (Nance, 2006, p. 215). A vigilância sobre o alvo escolhido vai perdurar até ao momento do ataque.

Na quarta fase, vigilância pré-ataque e planeamento final, reúnem-se as informações sobre os padrões atuais do alvo, geralmente com duração de dias ou semanas. A equipa de ataque confirma as informações recolhidas a partir de vigilâncias anteriores e atividades de reconhecimento. As áreas de preocupação são essencialmente as mesmas da segunda fase, mas com maior atenção nas vulnerabilidades identificadas. O tipo de vigilância empregue depende da atuação do alvo. As informações recolhidas serão agora utilizadas para realizar estudos sobre a segurança em presença; a preparação das operações através da obtenção de recursos humanos e materiais; recrutar indivíduos especializados (se necessário); estabelecer uma ou mais bases de operações na área próxima do objetivo (casas seguras, esconderijo, etc.); definir itinerários (que deverão ser testados e avaliados) de fuga e evasão; definir os meios a empregar (tipo de arma ou ataque) na ação sobre o

---

<sup>33</sup> A maior quantidade de população, através do impacto psicológico causado. Criando ainda a perceção de um determinado estado não consegue garantir segurança aos seus cidadãos.



objetivo (USA Army, 2007, p. A4). De acordo com o tipo de alvo, meios a utilizar e efeito pretendido, poderá haver a necessidade de identificação de necessidades especiais, equipamento, armamento, formação e competências.

Nesta fase, em virtude na necessidade de continuar a garantir a vigilância sobre o alvo as vulnerabilidades referidas na fase anterior mantêm-se, sendo, no entanto, acrescidas de outras decorrentes da especificidade das tarefas a executar, como a necessidade de movimentos para efetuar contatos para contratar possíveis especialistas para auxiliar na preparação e execução do ataque, ou ativar células adormecidas. A obtenção dos recursos para a execução do ataque poderá ser efetuada através elementos relacionados com o mundo crime, referenciados pelas autoridades. Atendendo às medidas de segurança do alvo poderá haver a necessidade de ocupar bases em locais mais próximo do alvo, efetuando assim mais movimentos e contatos, expor-se em locais não habituais. Se houver necessidade de efetuar reuniões de coordenação, poderão concentrar e expor o grupo, perante a vizinhança. Para garantir o sucesso da operação os membros do grupo, poderão ter necessidade de implementar medidas de segurança, alterar os seus comportamentos, na sua área de residência. (Nance, 2006, pp. 215-217)

Como exemplo podemos apresentar a tentativa de atentado de agosto de 2006 em Inglaterra, com explosivos líquidos, em aviões comerciais americanos que viajassem de Inglaterra para USA, vizinhos denunciaram os comportamentos estranhos dos terroristas, que foram vigiados pelos serviços secretos britânicos até conseguirem prende-los quando já dispunham dos meios para executar o ataque (DHS, 2007, pp. 77-84).

Fase cinco é onde são conduzidos os ensaios/treinos. Estas atividades são realizadas para aumentar as possibilidades de sucesso, confirmar as ações/tarefas definidas no planeamento operacional e desenvolver linhas de ação para fazer face a situações de contingência resultantes da conduta da operação (USA Army, 2007, pp. A4-A5). Durante esta fase são experimentados os equipamentos e armamento, explosivos quando o ataque é executado com recurso a esses meios. Também deverão ser testados e treinados os itinerários de aproximação ao alvo e itinerários de fuga.

Para garantir que o ataque decorra conforme o planeado, o mesmo deve ser treinado, se não for possível na totalidade pelo menos é conveniente que os equipamentos que vão ser utilizados se encontrem em boas condições operacionais e não comprometam o sucesso de operação. As vulnerabilidades desta fase, além das referidas nas fases três e quatro, prendem-se com os possíveis acidentes resultantes da mesma, nomeadamente da



falta de competência para o manuseamento de explosivos. Em dezembro de 1994, aquela que ficou conhecida como *Operation Bojinka*, quando um grupo de terroristas das Filipinas pretendiam destruir aviões comerciais em voo utilizando explosivos líquidos, foram presos quando as autoridades locais efetuaram uma investigação sobre um incêndio, provocado quando efetuavam experiências com os explosivos (DHS, 2007, pp. 61-65). Não tendo diretamente a ver com esta fase, mas sim porque o ataque foi interrompido imediatamente antes do início da sexta fase, foi o ataque terrorista de julho de 1997 ao metro de *Nova York*, um vizinho e amigo de um dos terroristas denunciou o ataque à polícia depois de ter conhecimento das suas intenções e visto os meios (explosivos) que iam ser utilizados (DHS, 2007, pp. 25-31).

Outra vulnerabilidade que pode ser explorada é a “pegada” dos treinos, com recurso à *IMINT*<sup>34</sup>, efetuada aos campos de treino existentes no território dos estados que apoiam o terrorismo.

Quando um grupo/organização terrorista chega a esta fase seis, a ação no objetivo, o alvo encontra-se em nítida desvantagem, as probabilidades favorecem um ataque bem sucedido. Num planeamento onde as ações de sincronização, controlo e coordenação são revistas de forma adequada e oportuna, a reação só terá lugar após as ações terroristas terem sido executadas. O atacante possui a seu favor importantes vantagens táticas: determina o local, a data-hora e as condições do ataque, faz uso do fator surpresa, pode efetuar ações secundárias e até ataques subsequentes e ocupar posições de bloqueio para impedir a ação das forças de reação. (USA Army, 2007, p. A5)

Sendo esta a fase fulcral de um atentado, porque é aquela em que são apresentados os resultados das cinco fases anteriores. Como vulnerabilidades podemos considerar o não executar convenientemente alguma das fases anteriores ou mesmo suprimir alguma das fases anteriores. O movimento para o alvo, porque além do pessoal, dependendo do tipo de ataque, poderá ser necessário transportar todo o material e equipamentos para efetivar o ataque, situação que pode denunciar o grupo. A alteração do nível de segurança do alvo pode impedir a aproximação. O nível de proficiência dos terroristas pode por em causa a eficácia do ataque. Falha em algum dos sistemas, equipamentos, armamento ou explosivos utilizados.

---

<sup>34</sup> Informações com recurso à análise de imagens.



Como exemplo temos o atentado de 21 de julho de 2005 em Londres (em três estações de metro e um autocarro), onde os terroristas conseguiram deslocar-se até aos locais planeados, mas porque a carga principal dos engenhos explosivos não rebentou, não houve vítimas a lamentar (DHS, 2007, pp. 42-47). Em dezembro de 1984, o *Armed Islamic Group* sequestrou na Argélia um avião da *Air France*, com 174 passageiros e tinha como objetivo destruir o avião sobre Paris (Torre *Heiffel*) mas antes de chegar a Paris aterrou em Marselha para abastecer<sup>35</sup>, o *Groupe d'Intervention de la Gendarmerie Nationale*, interveio libertando os passageiros e matando os quatro terroristas, não permitindo assim o sucesso do ataque (DHS, 2007, pp. 55-60). Em dezembro de 2001, *Richard Reid*, durante um voo de Paris para *Miami*, foi impedido por outros passageiros quando tentava detonar explosivos que transportava nos sapatos (CNN, 2009). Em 25 de dezembro de 2009 *Abdul Farouk Umar Abdulmutallab*, tentou detonar 80 gramas de PETN, que transportava nas cuecas para explodir um avião de passageiros americano sobre *Detroit* (Richard & Ross, 2009).

Sétima e última fase, fuga, evasão e exploração, os planos de fuga são geralmente bem treinados e executados. A exceção é o atentado suicida, porque só o pessoal de apoio é que necessita de fugir e evadir-se, uma vez que o ataque é efetuado através da morte do executante. A exploração (do sucesso de um atentado) é o principal objetivo da operação de qualquer OT, de forma a garantir a máxima publicidade. Além do impacto sobre o adversário, os ataques bem sucedidos chamam a atenção favorável, daqueles que se identificam com a OT, permitem notoriedade e obtenção de apoios, tais como financiamento e recrutamento para a OT. Operações mal sucedidas prejudicam severamente o prestígio e imagem da organização, porque revelam ineficácia e demonstram a existência de vulnerabilidades. (USA Army, 2007, pp. A5-A6)

Como no momento de aproximação ao alvo, nesta fase os operacionais poderão ser detetados, principalmente porque o fazem sobre *stress* ou a grande velocidade quando em viatura. Apesar de nesta fase já não ser possível impedir o ataque porque já foi desencadeado, a captura de elementos afetos à OT, irá impedir que novos ataques sejam efetuados e permitir desarticular a OT. Por exemplo a 75 km do local do ataque terrorista de *Oklahoma* nos EUA, um dos terrorista *Timothy McVeigh*, foi parado pelas autoridades

---

<sup>35</sup> Porque os terroristas consideram que se aeronave fosse diretamente para Paris não iria dispor da quantidade de combustível para atingir o alvo de acordo com os objetivos delineados.



de controlo rodoviário, porque não tinha a placa de matrícula na viatura, acabou por ser preso por ser portar uma arma ilegal, esta detenção permitiu que todo o grupo fosse preso (Ottley, 2011).

### c. Síntese conclusiva

Conforme foi apresentado um ataque terrorista não acontece por acaso, ele decorre de um processo planeamento detalhado e minucioso. Na execução de um ataque terrorista, são identificados os dois grandes momentos, preparação/planeamento e execução (DHS, 2007, p. 97).

De acordo com o *Military Guide USARMY* (2007, p. A1), as operações terroristas são normalmente planeadas tendo em conta a minimização dos riscos e alcançar a mais alta probabilidade de sucesso. As organizações de terroristas procuram, concentram-se nas fraquezas do adversário. O planeamento é, por norma, detalhado, mas pode ser encurtado deliberadamente quando surge uma oportunidade. As operações previstas ou em curso podem ser alterados, retardados ou mesmo cancelados devido a alteração, do alvo ou a das condições no local. As missões táticas contribuem para alcançar objetivos estratégicos das organizações. O impacto psicológico sobre a população (alvo) é o objetivo estratégico primordial de qualquer operação terrorista. Não há um modelo universal para o planeamento de operações terroristas, mas a experiência e sucesso têm demonstrado que são empregues os princípios tradicionais de um ciclo de planeamento. A inovação é um componente-chave, de comprovado sucesso operacional. (USA Army, 2007, p. A1)

O ciclo de planeamento e ação terrorista é a sistematização do processo de planeamento para a execução de um ataque terrorista, que se assemelha ao ciclo de Boyd<sup>36</sup>, elaborado tendo por base a análise efetuada a ataques terroristas desencadeados e também através das informações obtidas através de interrogatórios efetuados a terroristas capturados.

Conforme refere Stewart<sup>37</sup> (2012), “talvez o ponto mais importante e fundamental para entender sobre o terrorismo é que os ataques não aparecem do nada”<sup>38</sup>, os terroristas durante o planeamento seguem um ciclo.

---

<sup>36</sup> Observar, Orientar, Decidir e Agir (Fadok, 1995, p. 16).

<sup>37</sup> Investigador com artigos, sobre o terrorismo, publicados no site da SRATFOR.

<sup>38</sup> Tradução livre de: “Perhaps the most important and fundamental point to understand about terrorism is that attacks do not appear out of nowhere” (Stewart, 2012)



Como ciclo, não são identificadas vulnerabilidades no mesmo, desde que seja respeitado na sua plenitude, cumprindo todas as fases. As vulnerabilidades surgem através da forma como os executantes atuam ou não atuam em cada uma das fases.

*Stewart* (2012) refere que as vulnerabilidades do ciclo estão nos comportamentos dos terroristas, que podem ser observados.

Desta forma é dada resposta à QD1; *Como se efetua o ciclo de planeamento e ação terrorista?*

Pelo que foi apresentado é possível confirmar a H1; *A execução de uma ação terrorista requiere um processo sistemático de planeamento, coordenação e controlo, semelhante a um ciclo de planeamento, para atingir os objetivos pretendidos.*



## **2. O combate ao terrorismo**

Um dos dilemas que se colocam presentemente é como classificar o terrorismo, em virtude dos meios e métodos utilizados para efetuar o combate ao terrorismo, bem como os objetivos a alcançar.

O Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), através da Resolução nº 1269 de 19 de outubro de 1999, classifica o terrorismo como um ato criminoso. De acordo com o Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional o terrorismo é classificado como um crime contra a humanidade. (Tribunal Penal Internacional, 1998).

Para *Hoffman* (2006, p. 40), o terrorismo não deve ser considerado crime comum, porque tem objetivos e motivações políticas, procura amplas repercussões psicológicas (para além da vítima imediata ou alvo), é desencadeado por uma organização ou por indivíduos (com uma cadeia de comando definida ou estrutura celular, cujos membros não usam uniforme ou insígnia de identificação), inspirados numa ideologia (política, religiosa ou social).

*Hughes* (2011, pp. 25-37) refere que, para classificar o terrorismo como crime ou ato de guerra depende: (i) do quadro constitucional e restrições normativas de cada país; (ii) do grau de letalidade das OT; (iii) se as OT operam ao nível nacional ou internacional; (iv) se dispõe do patrocínio de um algum Estado; (v) se a OT é uma grande ameaça à estabilidade do Estado. Neste quadro pode haver condições nas quais, o poder militar contra o terrorismo pode ser empregue. As Forças Armadas (FFAA) podem executar tarefas específicas de contra terrorismo. (*Hughes*, 2011).

Para a União Europeia (UE), “o terrorismo é criminoso e injustificável em quaisquer circunstâncias” (UE, 2005, p. 6).

Avaliada a situação consideramos que os ataques terroristas são atos criminosos, que devem ser analisados e julgados de acordo com o quadro jurídico de cada país. Atendendo, aos métodos, técnicas e meios utilizados, associados ao fenómeno da transnacionalidade do terrorismo, o seu combate para que se torne eficaz deve ficar na competência das autoridades judiciais, o que não invalida que as FFAA não possam, de acordo com o quadro legal vigente, apoiar aqueles em caso de necessidade. Para além do mais, o fato das FFAA, concretamente dos Estados da Europa Ocidental e Estados Unidos, estarem empenhados em Teatros de Operações (TO) como o Afeganistão ou Iraque a contribuir para o combate ao terrorismo.



Para se efetuar o combate ao terrorismo, como afirma *Ganor* (2011) é necessário “ter ideias que os terroristas nem imaginam, pensar inovadoramente e esperar não só no que eles vão fazer amanhã mas o que vão fazer depois de amanhã”, porque os “terroristas querem estar sempre um passo à frente, com novas ideias”.

O combate ao terrorismo inclui a *intelligence*, o antiterrorismo e o contra terrorismo. Sendo realizado com recurso a ações defensivas e ofensivas, utilizando também medidas de dissuasão ou retaliação, legislação, educação e cooperação internacional (*Ganor*, 2005, p. 46).

*Kofi Annan*<sup>39</sup>, em *Madrid* nas comemorações do primeiro aniversário dos atentados de *Atocha*, em 10 de março de 2005, afirmou que a estratégia global da ONU contra o terrorismo, pode ser resumida em "cinco D's: i) *Dissuading*; ii) *Denying*; iii) *Deterring*; iv) *Developing*; v) *Defending*". Dissuadir as pessoas a recorrer ao terrorismo ou apoiá-lo. Negando aos terroristas os meios para realizar um ataque. Dissuadir os Estados de apoiar o terrorismo. Desenvolver a capacidade do Estado para derrotar o terrorismo. Defender os direitos humanos. (*Rupérez*, 2006)

O combate ao terrorismo segundo *Ganor* (2005, p. 25-26) tem como objetivos, a eliminação do terrorismo, minimizar os danos causados e prevenir o aumento da escalada do terrorismo, um pouco à semelhança da estratégia da ONU. Com o primeiro pretende-se a erradicação do terrorismo através da destruição das próprias OT. Com o segundo pretende-se a redução do número de ataques e o número de vítimas, prevenindo certos tipos de ataques. O terceiro é obtido quer impedindo o crescimento e desenvolvimento das OT, neutralizando o apoio de países estrangeiros ou impedindo uma escalada dos ataques.

Tendo como referência, a equação que *Ganor* (2005, p.42) utiliza para caracterizar o terrorismo, então para efetuar o seu combate é necessário atuar de forma a reduzir, a capacidade operacional e a motivação dos terroristas. Se o combate ao terrorismo fosse apenas um mero exercício de matemática, apenas seria necessário anular uma das variáveis para obtenção de resultados. Mas como será demonstrado de forma gráfica, a redução de uma das variáveis apenas permite adiar o problema.

---

<sup>39</sup> Ex-Secretário Geral das Nações Unidas

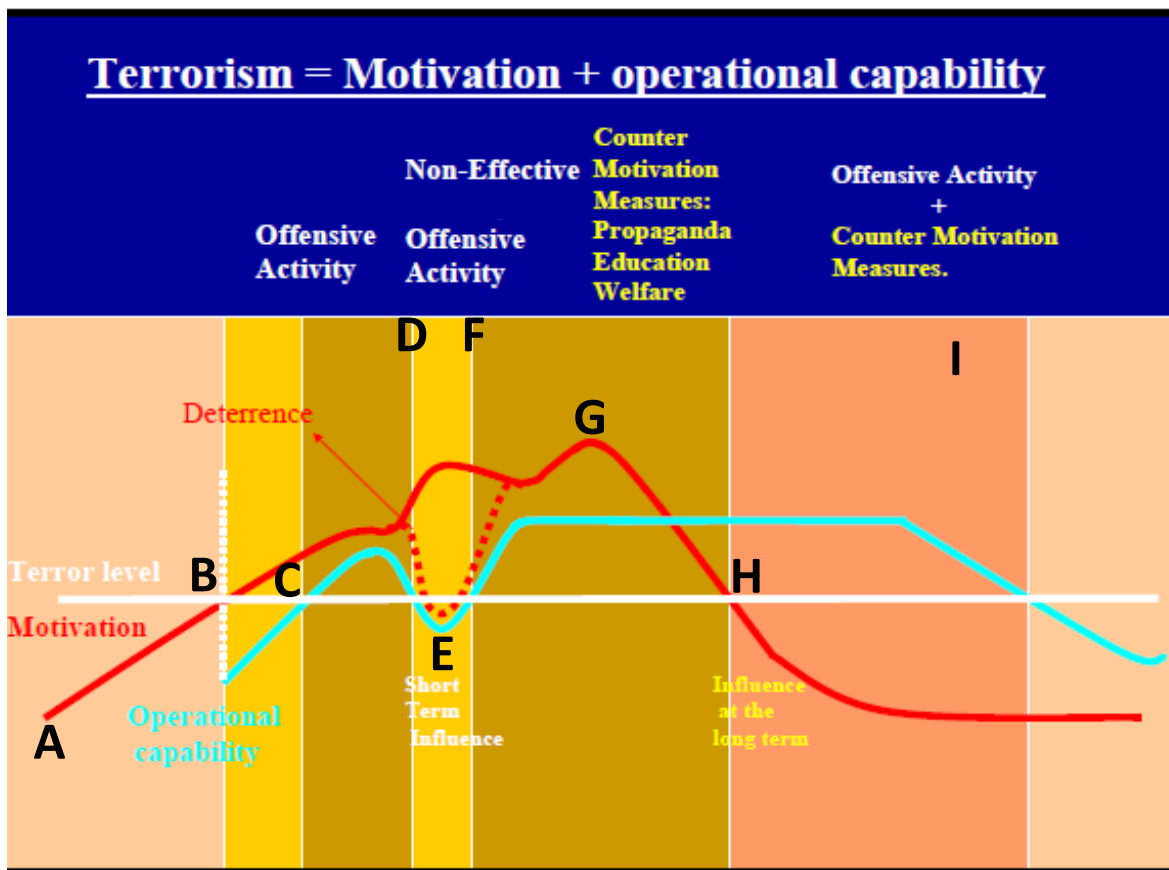


Fig. nº 5 – Combate ao terrorismo (Ganor, 2005, p. 42)

Na análise ao gráfico, temos como fator fixo o nível de terror (NT), como elementos variáveis temos a linha da motivação (LM) e a linha da capacidade operacional (LCO). Enquanto as linhas LM e LCO não atinjam respetivamente as posições B e C, o grupo terrorista não tem capacidade para efetuar ataques, apenas tem possibilidade de efetuar o planeamento e preparação dos mesmos. A atuação na LCO conforme indicado em D<sup>40</sup>, apenas vai influenciar momentaneamente a situação, atrasando a execução de um ataque (E), mas tem como resposta um aumento da LM. Caso a atuação seja apenas com recurso a ações de antiterrorismo, conforme indicado em F, a LCO estabiliza (porque não têm necessidade obter mais recursos) mas permite o crescimento da LM (G). Quando se recorre a medidas de propaganda, educação e bem-estar a LM diminui (H), mas os ataques podem continuar pois os terroristas ainda dispõe de capacidade operacional. Para concluir

<sup>40</sup> Através de ações ofensivas e defensivas, desencadeadas pelas forças destinadas ao antiterrorismo e contra terrorismo.



a análise efetuada ao gráfico podemos afirmar que o combate ao terrorismo só é eficaz quando é atuado em simultâneo na Motivação e na Capacidade Operacional das OT.

O combate ao terrorismo tem como preocupação constante, identificar e implementar as medidas para impedir o sucesso dos ataques terroristas. Em caso de ataques bem sucedidos é necessário mitigar os efeitos, para que seja possível introduzir medidas corretivas e os mesmos não se voltem a repetir ( *Stewart, 2012*).

Quando se analisa o combate ao terrorismo deveremos considerar o seguinte: a capacidade operacional dos terroristas; a motivação para desencadear ataques; o moral do grupo e dos seus apoiantes. Deve-se atuar de forma a reduzir ou suprimir a sua capacidade operacional, prejudicar a sua imagem interna e internacional, danificar os seus processos de financiamento, desarticular as atividades administrativas da organização, cortar a sua liberdade de movimentos, afetar a motivação e o moral dos terroristas, contribuir para o apoio do moral das pessoas que sofrem com o terrorismo ( *Ganor, 2005, pp. 109-111*).

Como estratégia, para vencer o combate ao terrorismo deveremos: (i) prevenir ataques realizados por redes terroristas; (ii) negar aos terroristas o apoio e santuário de Estados pária; (iii) negar aos terroristas o controle de qualquer nação como base e plataforma de lançamento para o terror; (iv) estabelecer as bases e construir as instituições e estruturas necessárias para garantir o sucesso do combate ao terrorismo (PSI, 2007, pp. 1-586). Estas medidas só terão impacto quando realizadas por países que dispõem de democracias eficazes.

A UE (2005) define como compromisso estratégico, “combater o terrorismo em todo o mundo, no pleno respeito pelos direitos humanos, e tornar a Europa mais segura, para que os seus cidadãos possam viver num espaço de liberdade, segurança e justiça”. A estratégia assenta em quatro vertentes, prevenir, proteger, perseguir e responder.

Prevenir consiste em “evitar o recurso ao terrorismo, combatendo os fatores ou causas profundas que podem conduzir à radicalização e ao recrutamento, na Europa e no resto do mundo” (UE, 2005, p. 3).

“Proteger os cidadãos e as infraestruturas e reduzir a nossa vulnerabilidade a atentados, melhorando designadamente a segurança das fronteiras, dos transportes e das infraestruturas essenciais” (UE, 2005, p. 3).

“Perseguir e investigar os terroristas através das nossas fronteiras e em todo o mundo; impedir o planeamento, as deslocações e as comunicações; desmantelar as redes de



apoio; pôr termo ao financiamento e ao acesso a material utilizável em atentados, e entregar os terroristas à justiça” (UE, 2005, p. 3).

Responder consiste em “prepararmo-nos solidariamente para gerir e minimizar as consequências dos atentados terroristas, tornando-nos mais capazes de fazer face à fase de rescaldo, à coordenação da resposta e às necessidades das vítimas” (UE, 2005, p. 3).

Segundo *Jennifer S. Holmes*, a maior ameaça para o progresso no combate ao terrorismo é a impaciência, o que aumenta a tentação de enfatizar um aspeto de uma estratégia de curto prazo (PSI, 2007, pp. 1-102). As ações utilizadas no combate ao terrorismo, demoram algum tempo a apresentar resultados, alterar hábitos e formas de vida bem como alterar dogmas de crenças (ideológicas e religiosas) leva o seu tempo<sup>41</sup>.

Para analisar o combate ao terrorismo é conveniente dividir a abordagem nos três pilares de atuação, informações, antiterrorismo e contra terrorismo.

#### **a. Serviços de informações**

Dispor de um eficaz serviço de informações, contribui substancialmente para a prevenção de ataques terroristas. Porque permite obter informações sobre localização e identificação das OT e dos terroristas, e reconhecimento das suas fontes de poder e recursos, de forma que permita planear medidas de combate ao terrorismo (*Ganor*, 2005, p. 47).

Os serviços de informações recorrem a várias fontes como sejam o *HUMINT*<sup>42</sup>, *SIGINT*<sup>43</sup>, *GEOINT*<sup>44</sup>, *OSINT*<sup>45</sup>, *IMINT* e as técnicas de *CSI*<sup>46</sup>.

Os serviços de informações procuram obter entre outros aspetos informações sobre os grupos terroristas: (i) organização; (ii) dimensão e composição; (iii) motivação e objetivos; (iv) apoios; (v) identidade dos líderes; (vi) capacidade de planeamento; (vii) técnicas táticas e procedimentos (quais os preferidos); (viii) armas e equipamentos utilizados; (ix) historial de ataques; (x) tendência religiosa; (xi) métodos de recrutamento; (xii) capacidades de recolha e processamento de informações; (xiii) ligações

---

<sup>41</sup> Como exemplo temo o caso do *Irish Republican Army* (IRA) na Irlanda.

<sup>42</sup> Pesquisa de informação através de fontes humanas.

<sup>43</sup> Pesquisa de informações através da interceção de sinais de comunicações entre pessoas ou máquinas. Como seja a monitorização as comunicações de elementos suspeitos de poderem preparar ataques terroristas.

<sup>44</sup> Pesquisa de informação geoespacial.

<sup>45</sup> Pesquisa de Informação através dados disponíveis para o público em geral.

<sup>46</sup> *Crime Scene Investigation*



com outros grupos; (xiv) capacidade de comando e controlo (*Joint Publication 3-07.2*, 2010, pp. III-12).

Um sistema de informações eficaz, contribui para o desenvolvimento do bom plano de combate ao terrorismo. Porque permite identificar as potencialidades das OT e obriga a elencar as medidas de antiterrorismo necessárias para impedir ou no mínimo minimizar as consequências de um ataque terrorista. Permite ainda identificar as vulnerabilidades das OT, que poderão ser exploradas através de ações de contra terrorismo para anular a sua capacidade operacional.

Para que seja garantido que as informações chegam a quem delas necessita, é conveniente que haja coordenação e cooperação entre todos os agentes de produção de informações (*Ganor*, 2005, p. 59).

Como potencialidades dos sistemas de informações, consideramos que eles contribuem para que as medidas de antiterrorismo a implementar sejam mais eficazes, bem como permitem definir o momento mais oportuno para desencadear as ações de contra terrorismo. Decorrente do acesso a diferentes fontes de informações que podem ser utilizadas, da capacidade de análise, do processamento e difusão da informação, permite que chegue em tempo oportuno a quem dela necessita. Permitem ainda definir, qual o grau de probabilidade de execução de atentados terroristas e elaborar a lista de alvos prioritários (indivíduos ou infraestruturas).

As vulnerabilidades encontram-se basicamente na coordenação dos diferentes agentes de produção de informações e na partilha oportuna da informação.

#### **b. Antiterrorismo**

O antiterrorismo caracteriza-se por um conjunto de medidas defensivas, que tem por objetivo reduzir as vulnerabilidades da população e das infraestruturas, contra ataques terroristas (*Joint Publication 3-07.2*, 2010, pp. I-4).

Garcia (2006, p. 366) refere, antiterrorismo como as “medidas defensivas, com um caráter dissuasor e preventivo, de forma a reduzir vulnerabilidades”.

Para *Ganor* (2005, p. 142) antiterrorismo caracteriza-se por medidas defensivas cujo objetivo é a prevenção de ataques terroristas. Com o objetivo da prevenção de entrada no país, identificar e deter os terroristas no movimento para o alvo, proteger o acesso ao alvo do ataque, minimizar os danos de um ataque. Desenvolvendo atividades de segurança ao longo das fronteiras, nas vias de comunicação e no local para onde o ataque foi planeado.



Medidas defensivas a implementar: (i) Identificação em controlos e inspeções nas estradas, em locais de concentração de população e nas entradas em infraestruturas sensíveis; (ii) Revista a pessoas, objetos e bagagens em entradas nos Centros Comerciais, locais de entretenimento, aeroportos, portos, centrais de camionagem, estações de metro e comboio (*Ganor*, 2005, p. 175).

As medidas defensivas são realizadas sob condições de incerteza, através das suspeitas identificadas pelos serviços de informações, isto é, sem qualquer indicação concreta de um possível ataque, exclusivamente com base na experiência prévia e uma avaliação geral sobre as intenções da OT (*Ganor*, 2005, p. 143).

As medidas defensivas podem ser efetuadas através das missões e tarefas ordinárias das forças de segurança, através de patrulhas, controlos de trânsito, ou recorrendo a meios de apoio às medidas de segurança física, como vedações, detetores de metal, sensores, radares, detetores de explosivos e vídeo vigilância (*Ganor*, 2005, pp. 141-143).

As medidas de segurança defensivas são um dos elementos cruciais na política de combate ao terrorismo. Incluem o controlo de fronteiras<sup>47</sup>, garantir segurança a instalações sensíveis, alvos simbólicos, centros populacionais e itinerários. Também é necessário dispor de planos de contingência/emergência para resposta a ataques terroristas, envolvendo forças de segurança, bombeiros e serviços de saúde (emergência médica) e outros especialistas para emprego de acordo com o tipo ataque terrorista.

*Colt* (2011), apresenta as seguintes técnicas, que deverão ser aplicadas para dissuadir as atividades terroristas, que no nosso entender se enquadram no conceito de antiterrorismo: (i) *deter*; (ii) *delay*; (iii) *deny*; (iv) *detect*; (v) *defend*. A primeira consiste em impedir o plano terrorista, incrementando as medidas de segurança do alvo, e minimizando a possibilidade de sucesso do ataque, através de patrulhamentos, identificação e verificação de encomendas, pessoas e viaturas no acesso a áreas sensíveis. A segunda técnica permite atrasar a ação dos terroristas usando barreiras, bloqueios e cercas, de forma a diminuir a velocidade das viaturas no acesso a áreas sensíveis. Com a terceira técnica pretende-se negar aos terroristas o uso de meios que permitam potenciar o efeito de pânico na população. A técnica número quatro indica-nos que a deteção de atividade terrorista pode ser realizada através da utilização de técnicas de avaliação da ameaça e também através da realização de pesquisas, utilizando equipamento de

---

<sup>47</sup> Terrestres, aéreas e marítimas.



deteção (raios X, detetores de metal) e utilizando os sistemas de *Closed-circuit television* (CCTV). Já a quinta técnica consiste em defender a sua posição e suas políticas, nunca abrir exceções, deve ser consistente.

Outras medidas de antiterrorismo que devem ser implementadas, são a monitorização<sup>48</sup>, do espaço aéreo, do espaço marítimo e do espaço ribeirinho.

Para formular o conceito de antiterrorismo, devemos verificar como se operacionaliza e qual é o seu objetivo. O antiterrorismo consiste na implementação de medidas defensivas para reduzir vulnerabilidades, com o objetivo de prevenir e dissuadir a execução de ataques terroristas.

As potencialidades das medidas de antiterrorismo, estão relacionadas com a capacidade de impedir ou no mínimo dificultar a execução de ataques. O antiterrorismo atua tanto ao nível da motivação como da capacidade operacional, procurando impedir aos terroristas o acesso a potenciais alvos. No caso, do ataque ter sido desencadeado, as medidas de antiterrorismo procuram minimizar danos através da implementação de planos de contingência.

Quem vai determinar o momento e local do ataque são os terroristas, constituindo-se assim como vulnerabilidade, porque que não há sistemas de segurança perfeitos, o fator tempo não é problema para as OT. O seu objetivo é identificar as fragilidades a explorar, para a obtenção de sucesso no ataque a realizar.

### c. Contra terrorismo

Segundo o General Pinheiro<sup>49</sup> (2010), contra terrorismo é a “atividade que engloba as medidas ofensivas de carácter eminentemente repressivo, a fim de impedir, dissuadir, antecipar e responder aos atentados terroristas”.

Garcia (2006) refere, contra terrorismo “como medidas ofensivas, com ações táticas de destruição das capacidades terroristas e daqueles que os apoiam, em qualquer localização geográfica”.

Para *Ganor* (2005, p. 102) contra terrorismo caracteriza-se por medidas ofensivas<sup>50</sup>, de prevenção de ataques terroristas, desarticulação da atividade das OT, punição, dissuasão, anulação das motivações e suprimindo os apoios. Como objetivos de destruição

---

<sup>48</sup> Verificação e controlo de todas as aeronaves ou embarcações que o utilizam ou pretendem utilizar.

<sup>49</sup> General de Brigada do Exército Brasileiro na Reserva, analista militar especialista em Operações Especiais, Contra terrorismo e Guerra Irregular.

<sup>50</sup> Que devem ser desencadeadas por forças militares.



de infraestruturas terroristas, desarticulação de células terroristas. Estas ações podem ter lugar onde o ataque foi organizado ou planeado; que pode ser nos países que apoiam as OT, onde estão implantadas as bases terroristas ou onde pretendem desencadear os ataques.

A implementação de medidas ofensivas tem custos que deverão ser equacionados antes da tomada de decisão para os implementar. Para que se possa garantir sucesso é necessário dispor de informações em tempo real sobre os terroristas e sobre a sua atividade. As ações ofensivas necessitam que lhes sejam alocados recursos, ou seja acarreta custos financeiros, humanos e materiais. Existem também custos internacionais quando essas ações são realizadas fora do país. Está sempre presente a possibilidade de acontecer o efeito “*boomerang*<sup>51</sup>”, as ações ofensivas levadas a cabo, poderão servir de motivação para novos e mais violentos ataques por parte dos terroristas (Ganor, 2005, pp. 106-107).

Quando forem efetuadas ações ofensivas, deverá ter-se em conta o seguinte: (i) a repetição de ataques similares pode permitir aos terroristas adotar medidas defensivas; (ii) o objetivo principal deverá ser a prevenção de ataque, desarticular a atividade da organização terrorista, deter os elementos que estão a preparar o ataque, diminuir ou retirar a motivação; (iii) os custos benefícios deverão ser calculados avaliando os possíveis danos para o pior cenário; (iv) por causa dos elevados custos a pagar, os estados deverão considerar possíveis alternativas que permitam atingir os mesmos objetivos a baixo custo (Ganor, 2005, p. 107).

Segundo Hughes (2011, pp. 23-24) a abordagem do Reino Unido para contra terrorismo envolve: (i) prevenção do terrorismo, abordando as suas causas; (ii) a investigação sobre terroristas e seus patrocinadores; (iii) a proteção do público e os serviços chave; (iv) preparação para responder e mitigar as consequências de um ataque terrorista.

O mesmo autor refere ainda que as forças militares no contra terrorismo poderão efetuar: (i) dissuasão, as forças militares poderão ficar de prevenção sempre, os serviços de informações indicarem que há uma ameaça de ataque terrorista eminente; (ii) interdição, as unidades marítimas e aéreas, podem ser empregues na interceção de pessoal e material transportado para desencadear ataques terroristas; (iii) treino de forças aliadas, desde setembro de 2001, que as forças armadas ocidentais têm ministrado treino, de contra terrorismo a militares e a forças de segurança de governos amigos em regiões onde o

---

<sup>51</sup> Através de represálias.



islamismo extremista está ativo; (iv) resgate de reféns, estas unidades<sup>52</sup> requerem pessoal bem treinado capaz de rapidamente efetuar o assalto a uma posição defendida para neutralizar terroristas dentro dela e para libertar reféns; (v) recolha de informação, com operações clandestinas, as informações são recolhidas de forma discreta, de modo a não atrair a atenção do alvo; (vi) intervenção preventiva, as unidades clandestinas indicadas anteriormente também podem participar em operações, para deter os terroristas, que se encontrem na eminência de efetuar um ataque; (vii) abate de alvos, na guerra convencional, é permitido matar figuras chave dentro da estrutura de comando do inimigo; (viii) retaliação<sup>53</sup>, as forças armadas de um estado podem ser usadas para efetuar a retaliação contra qualquer outro Estado que tem apoiado um determinado grupo terrorista; (ix) apoiar a mudança de um regime, esta situação envolve uma invasão para derrubar um governo<sup>54</sup> que promove o terrorismo ou fornece um porto seguro para grupos terroristas. (Hughes, 2011, pp. 40-58)

Para formular o conceito de contra terrorismo, devemos verificar como se operacionaliza e qual é o seu objetivo. O contra terrorismo consiste na execução de ações ofensivas, para desarticular a atividade das OT, com o objetivo de prevenir, impedir ou retaliar ataques terroristas.

O contra terrorismo apresenta como potencialidades a utilização de uma força de intervenção para destruição ou desarticulação de OT, através da captura dos seus elementos e desmantelamento das suas bases. As ações de contra terrorismo realizadas pretendem retirar a capacidade operacional das OT. O contra terrorismo pode ainda contemplar a execução de ações preventivas<sup>55</sup>, preemptivas<sup>56</sup> ou de retaliação.

As vulnerabilidades estão relacionadas com os custos a suportar, nomeadamente saber qual a relação custo benefício, das ações a realizar. Uma ação mal conduzida pode provocar o efeito “*boomerang*”.

---

<sup>52</sup> Os ingleses dispõem do, 22nd *Special Air Service Regiment* (22SAS); A Alemanha dispõe do *Grenzschutzgruppe 9* (GSG9); Os americanos dispõem da *Delta Force*; Os franceses dispõem do *Groupe d'Intervention de la Gendarmerie Nationale* (GIGN).

<sup>53</sup> Invasões ou ataques.

<sup>54</sup> Como o efetuado no Afeganistão, quando os EUA intervieram, em apoio da Aliança do Norte, contribuindo para a queda do regime *Taliban*.

<sup>55</sup> Consiste em atuar por antecipação, permite aos Estados a demonstração de poder, procurando dissuadir a atuação de potenciais ameaças (Branquinho, 2009, pp. 39-40).

<sup>56</sup> Contribuem para a “neutralização de ameaças que de outra forma poderiam causar danos maiores” (Branquinho, 2009, p. 40).



#### **d. Síntese conclusiva**

O combate ao terrorismo é eficaz, quando for conseguido dissuadir as pessoas e os Estados de apoiar o terrorismo, não permitindo que os terroristas consigam obter os recursos para a realização de ataques. Os Estados deverão ainda desenvolver capacidades para derrotar o terrorismo de forma a garantir a defesa dos direitos humanos.

A UE no que ao combate ao terrorismo diz respeito, assenta as suas linhas de ação na prevenção, proteção, perseguição e resposta. A prevenção efetuada através do combate às causas, que podem conduzir ao emprego do terror sobre as populações. Efetuar a proteção a cidadãos e infraestruturas. Desencadear a perseguição os terroristas em todo o mundo e efetuar a investigação, para os entregar à justiça. Garantir o necessário apoio às vítimas e como forma de resposta, procurar minimizar as consequências dos atentados terroristas.

O combate ao terrorismo é efetuado através da implementação de medidas de antiterrorismo, conjugadas com ações de contra terrorismo, sempre apoiados nas informações obtidas com recurso a diferentes fontes e técnicas de pesquisa, com o objetivo de diminuir a motivação e impedir os terroristas de obter a capacidade para efetuar atentados terroristas.

Desta forma é dada resposta à QD2; *Como se efetua o combate ao terrorismo?*



### 3. Combate ao terrorismo vs ciclo de planeamento e ação terrorista

#### a. Combater o terrorismo explorando as vulnerabilidades do ciclo

Como foi apresentado no primeiro capítulo o ciclo de planeamento e ação terrorista analisado é constituído por sete fases: (i) seleção de um alvo<sup>57</sup> genérico; (ii) recolha de informações e vigilância; (iii) seleção do alvo específico; (iv) vigilância pré-ataque e planeamento final; (v) ensaios/treinos; (vi) ações no objetivo; (vii) fuga, evasão e exploração (USA Army, 2007, pp. A1-A6).

O combate ao terrorismo de acordo com as fases do ciclo de ação terrorista é efetuado da seguinte forma:

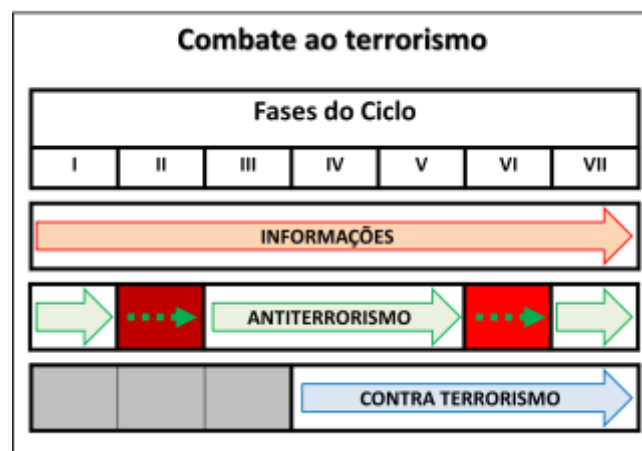


Fig. nº 6 – Plano de combate ao terrorismo, elaborado pelo autor.

Na primeira fase foram identificadas como vulnerabilidades, a possibilidade da OT efetuar uma declaração nos órgãos de comunicação social e/ou *internet*, onde expressa a intenção de efetuar um ataque. Para explorar estas vulnerabilidades, é necessário recorrer a métodos e técnicas de informações e a medidas de antiterrorismo: (i) iniciar a pesquisa de informações (procurando identificar o grupo terrorista, a sua ideologia, a sua motivações, o seu "*modus operandi*", os seus objetivos e alvos preferenciais), recorrendo às diferentes fontes nomeadamente *OSINT*, *HUMINT* e *SIGINT*; (ii) monitorizar a *internet*; (iii) Implementar medidas de contra informação; (iv) Incrementar medidas de segurança para entidades, infraestruturas e locais críticos, através da instalação de meios de vigilância

<sup>57</sup> Os alvos, podem ser objetivos estratégicos, por exemplo os órgãos de soberania de um estado. Podem também ser infraestruturas de transporte, financeiras, de comunicações, de produção de energia, da indústria farmacêutica. Ou alvos designados *soft* edifícios de habitação, hotéis, centros comerciais e recintos desportivos (nomeadamente estádios de futebol) (Hippel, 2005, p. 150).



eletrónica, intensificação de patrulhamentos e maior presença de forças de segurança; (v) informar a população<sup>58</sup>.

Na segunda fase as vulnerabilidades identificadas são: (i) deslocamento dos terroristas através de meios aéreos, marítimos ou terrestres, para a área do objetivo; (ii) exposição dos terroristas, para observar e a recolher imagens dos possíveis alvos; (iii) transmissão das informações, para os elementos da liderança da organização terrorista ou elementos responsáveis pelo planeamento. Para explorar estas vulnerabilidades, é necessário utilizar métodos e técnicas de informações e medidas de antiterrorismo: (i) manter a pesquisa de informações, recorrendo às técnicas de *OSINT*, *HUMINT* e *SIGINT*; (ii) monitorizar *sites* na *internet*, normalmente utilizados pela OT em causa; (iii) efetuar controlo de fronteiras<sup>59</sup>, através dos serviços de informações verificar listas de passageiros, nos locais de controlo de aeroportos e portos, procurar verificar se ma relação dos passageiros constam elementos referenciados por ligações ao terrorismo ou crime violento; (iv) manter medidas de segurança mais elevadas para entidades, infraestruturas e locais críticos (evitar padrões na forma de execução e gestão das medidas de segurança); (v) implementar controlos e fiscalização de trânsito, ocupando locais de forma aleatória; (vi) identificar todos os elementos que se aproximem de entidades e infraestruturas críticas; (vii) referenciar e monitorizar as pessoas que permaneçam mais tempo que o normal a observar e a recolher imagens de entidades e infraestruturas críticas; (viii) monitorizar as comunicações de elementos que apresentem indícios de poderem preparar ataques terroristas.

Na terceira fase as vulnerabilidades são em tudo semelhantes às da fase anterior, a diferença está em que nesta fase já foi identificado o alvo<sup>60</sup> a atingir: (i) deslocamento dos terroristas através de meios aéreos, marítimos ou terrestres, para a área do objetivo, porque os elementos responsáveis pelo planeamento podem movimentar-se para próximo do alvo; (ii) os elementos de vigilância do alvo selecionado, terão necessidade de efetuar deslocamentos<sup>61</sup>; (iii) exposição dos terroristas, para observar e a recolher imagens dos possíveis alvos; (iv) transmissão das informações, para os elementos da liderança da OT ou elementos responsáveis pelo planeamento. Para explorar estas vulnerabilidades, é

---

<sup>58</sup> Solicitar que informe as autoridades quando observar a presença de pessoas estranhas ou comportamentos estranhos (que possam ser associados ao mundo do crime) na sua área de residência ou local de trabalho.

<sup>59</sup> Utilização de *scanners*, detetores de metais, detetores de explosivos eletrónicos e cães.

<sup>60</sup> Normalmente é aquele que com vulnerabilidades, e que permite atingir os objetivos da OT.

<sup>61</sup> De e para a área junto do alvo, a pé, bicicleta, mota, carro ou transportes públicos.



necessário utilizar métodos e técnicas de informações e medidas de antiterrorismo, em tudo idênticas às da fase anterior, mas é de realçar que os serviços de informações nesta fase têm uma importante tarefa, identificação do alvo escolhido pelos terroristas para desencadear o ataque: (i) manter a pesquisa de informações, recorrendo às técnicas de *OSINT*, *HUMINT*, *SIGINT* e *GEOINT*; (ii) manter a monitorização de *sites* na *internet*, normalmente utilizados pela OT em causa; (iii) manter o controlo de fronteiras; (iv) manter medidas de segurança mais elevadas para entidades, infraestruturas e locais críticos (evitar padrões na forma de execução e gestão das medidas de segurança); (v) manter os controlos e fiscalização de trânsito; (vi) identificar todos os elementos que se aproximem de entidades e infraestruturas críticas; (vii) referenciar e monitorizar as pessoas que permaneçam mais tempo que o normal a observar e a recolher imagens de entidades e infraestruturas críticas; (viii) monitorizar as comunicações de elementos das OT; (ix) monitorizar o espaço aéreo, marítimo.

Na quarta fase as vulnerabilidades identificadas são: (i) exposição, para observar e a recolher imagens; (ii) transmissão das informações, para os elementos da liderança da OT ou elementos responsáveis pelo planeamento; (iii) contrato de especialistas; (iv) contatos com elementos do mundo do crime para obter os meios necessários para a execução do ataque; (v) execução de reuniões de coordenação; (vi) alteração de comportamento na sua área de residência. Para explorar estas vulnerabilidades é necessário utilizar métodos e técnicas de informações, implementar medidas de antiterrorismo e efetuar ações de contra terrorismo: (i) manter a pesquisa de informações, recorrendo às técnicas de *OSINT*, *HUMINT*, *GEOINT*, *SIGINT* e *IMINT*; (ii) manter a monitorização de *sites* na *internet*, normalmente utilizados pelas OT; (iii) manter o controlo de fronteiras; (iv) manter medidas de segurança mais elevadas para entidades, infraestruturas e locais críticos (evitar padrões na forma de execução e gestão das medidas de segurança); (v) manter os controlos e fiscalização de trânsito; (vi) identificar todos os elementos que se aproximem de entidades e infraestruturas críticas; (vii) referenciar e monitorizar as pessoas que permaneçam mais tempo que o normal a observar e a recolher imagens de entidades e infraestruturas críticas; (viii) monitorizar as comunicações de elementos das OT; (ix) monitorizar as pessoas que utilizam os locais de culto islâmico e principalmente obter informações sobre "*Mullah*"<sup>62</sup> estrangeiros e sobre o conteúdo das suas mensagens durante as orações, principalmente as

---

<sup>62</sup> Elemento religioso islâmico, que estudou as tradições islâmicas e a lei islâmica.



de incentivo à *Jihad*; (x) confirmar todas as indicações transmitidas pela população sobre a presença de elementos estranhos e com comportamentos estranhos; (xi) durante esta fase poderão ser desencadeadas ações ofensivas<sup>63</sup> preventivas, sobre as bases das OT, nos países onde as mesmas estão instaladas, para os dissuadir de efetuar ataques; (xii) monitorizar o espaço aéreo, marítimo.

Na quinta fase as vulnerabilidades identificadas são: (i) exposição, para observar e a recolher imagens; (ii) transmissão das informações, para os elementos da liderança da organização terrorista ou elementos responsáveis pelo planeamento; (iii) execução de reuniões de coordenação; (iv) ocorrência de possíveis acidentes no manuseamento dos meios a empregar no ataque (nomeadamente, armas, viaturas e explosivos). Para explorar estas vulnerabilidades, é necessário recorrer a métodos e técnicas de informações, medidas de antiterrorismo e efetuar ações de contra terrorismo: (i) manter a pesquisa de informações, recorrendo às técnicas de *OSINT*, *HUMINT*, *GEOINT*, *SIGINT*, *IMINT* e *CSI*; (ii) manter a monitorização de *sites* na *internet*, normalmente utilizados pelas OT em causa; (iii) manter o controlo de fronteiras, tendo especial atenção sobre os elementos que tenham proveniência ou transito por países referenciados como apoiantes de OT; (iv) manter medidas de segurança mais elevadas para entidades, infraestruturas e locais críticos (evitar padrões na forma de execução e gestão das medidas de segurança); (v) manter os controlos e fiscalização de trânsito; (vi) identificar todos os elementos que se aproximem de entidades e infraestruturas críticas; (vii) referenciar e monitorizar as pessoas que permaneçam mais tempo que o normal a observar e a recolher imagens de entidades e infraestruturas críticas; (viii) monitorizar as comunicações de elementos das OT; (ix) continuar monitorizar/controlar/perseguir as pessoas que utilizam os locais de culto islâmico, que possam ser associadas a grupos terroristas ou que tenham passagens registadas por países que apoiem ou alberguem grupos terroristas (Afeganistão, Paquistão, Iémen, Sudão, entre outros) e principalmente monitorizar/controlar "*Mullah*" estrangeiros e sobre o conteúdo das suas mensagens durante as orações, principalmente as de incentivo à *Jihad*; (x) incentivar a população a informar o mais rapidamente as autoridades sobre, a presença nas suas áreas de residência de pessoas estranhas, todas as situações que considerem estranhas e suspeitas de envolvimento com o crime ou terrorismo; (xi)

---

<sup>63</sup> Estas ações poderão, desencadear o efeito *boomerang*, incrementando o fator motivação nos elementos das OT.



investigar as causas de todos os acidentes doméstico, com fogo, com explosivos ou armas de fogo, cujos feridos solicitam tratamento hospitalar; (xii) monitorizar o espaço aéreo, marítimo; (xiii) efetuar ações ofensivas de caráter preemptivo<sup>64</sup> sobre as bases ou locais de treino para capturar os terroristas, desarticular a OT e impedir a execução de ataques.

O período entre a fase cinco e a fase seis, é o último momento, para quem combate o terrorismo intervir, com a finalidade de impedir a execução de um ataque. A partir do momento que os terroristas dispõem de capacidade operacional (treino, meios já com a verificação operacional executada), da motivação e a purificação/bênção<sup>65</sup> para a execução do ataque, este pode acontecer a qualquer instante. Estando os terroristas referenciados bem como a sua posição, a unidade de intervenção poderá ser desencadear o assalto a essa posição, para capturar ou para desarticular as capacidades do grupo terrorista, através de um ataque preemptivo com o objetivo de neutralizar a OT e evitar danos maiores.

A sexta fase as vulnerabilidades identificadas são: (i) exposição, para observar e a recolher imagens; (ii) transmissão das informações, para os elementos da liderança da organização terrorista ou elementos da célula operacional; (iii) movimento para o alvo; (iv) falha em algum dos sistemas (armas e explosivos); (v) falta de proficiência dos terroristas; (vi) falta de coordenação da manobra. Para explorar estas vulnerabilidades, é necessário utilizar métodos e técnicas de informações, medidas de antiterrorismo e efetuar ações de contra terrorismo: (i) manter a pesquisa de informações, recorrendo às técnicas de *OSINT*, *HUMINT*, *GEOINT*, *SIGINT*, *IMINT* e *CSI*; (ii) manter a monitorização de *sites* na *internet*, normalmente utilizados pelas OT; (iii) manter medidas de segurança mais elevadas para entidades, infraestruturas e locais críticos (evitar padrões na forma de execução e gestão das medidas de segurança), através da implementação de vários anéis de segurança em volta das entidades e infraestruturas críticas, impedir a recolha de imagens, bem como a concentração de pessoas junto a esses locais; (iv) manter os controlos e fiscalização de trânsito; (v) identificar todos os elementos que se aproximem de entidades e infraestruturas críticas; (vi) incentivar a população a informar o mais rapidamente as autoridades sobre, a presença nas suas áreas de residência de pessoas estranhas, todas as situações que considerem estranhas e suspeitas de envolvimento com o crime ou

---

<sup>64</sup> Nesta fase podemos considerar que as OT, conseguem associar a intenção de efetuar um ataque, ao alvo selecionado, com os recursos obtidos, apenas falta definir o momento para efetuar o ataque.

<sup>65</sup> Os ataques perpetrados por terroristas islâmicos são executados após os momentos de culto (purificação da alma/espírito e recebem a bênção de *Allah*).



terrorismo; (vii) monitorizar as comunicações de elementos das OT; (viii) monitorizar o espaço aéreo, marítimo.

Quando as medidas de segurança implementadas não são impeditivas, para que os terroristas possam desencadear com sucesso os seus ataques, devem ser implementadas as medidas de gestão de situações de crise<sup>66</sup>. A unidade de intervenção deve estar disponível e com elevado nível de prontidão, para atuar sobre os elementos das OT no movimento de aproximação ao alvo ou para efetuar o assalto ao objetivo ocupado pelos terroristas, para capturar/abater os terroristas ou resgatar reféns. Devem também ser implementadas medidas de controlo de danos<sup>67</sup> para que não sejam repetidos, ataques no mesmo local ou em outros locais, principalmente aqueles que considerados críticos.

Na sétima fase as vulnerabilidades identificadas são: (i) exposição, para verificação dos resultados obtidos; (ii) transmissão de informações sobre os resultados obtidos, para os elementos da liderança da organização terrorista e elementos da célula operacional; (iii) deteção na fuga. Para explorar estas vulnerabilidades, é necessário utilizar métodos e técnicas de informações, medidas de antiterrorismo e efetuar ações de contra terrorismo: (i) incrementar a pesquisa de informações, recorrendo às técnicas de *OSINT*, *HUMINT*, *GEOINT*, *SIGINT*, *IMINT* e *CSI*; (ii) de imediato após conhecimento do ataque, as fronteiras deverão ser encerradas, suspensos os serviços de transporte, aéreos, marítimos e terrestres; (iii) implementar *checkpoints* em todas as vias de comunicação terrestres de acesso e retirada do local; (iv) impedir o tráfego aéreo sobre o local; (v) impedir o tráfego marítimo ou ribeirinho (conforme a situação, caso seja necessário); (vi) desencadear a caça ao homem, o mais cedo possível; (vii) monitorizar as fontes abertas para obter a informação da reivindicação do ataque; (viii) monitorização de *sites* na *internet*, normalmente utilizados pelas OT; (ix) desencadear a investigação criminal, para identificar e capturar os terroristas, solicitando a colaboração dos serviços de informações e investigação criminal dos países amigos, aliados e dos países de origem dos terroristas; (x) aumentar medidas de segurança para entidades, infraestruturas e locais críticos que não foram atingidos mas que estejam identificados como potenciais alvos para que a situação não se repita; (xi) monitorizar as comunicações dos elementos suspeitos de terem desencadeado o ataque terrorista.

---

<sup>66</sup> Requerem capacidades especiais, nomeadamente formação e treino.

<sup>67</sup> Reforçar as medidas de segurança no local atingido e nos potenciais objetivos considerados críticos.



Outra das ações que pode ser executada é uma retaliação sobre a base ou bases da OT, para a destruir ou desarticular, com o objetivo de impedir novos ataques.

#### **b. Estudo de Caso**

O estudo de caso que vai ser apresentado, foi publicado pelo *Department of Homeland Security* dos EUA que foi publicado em 2007, com o título *Underlying reasons for success and failure of terrorist attacks: selected case studies* (D.H.S, 2007, pp. 42-47).

Os acontecimentos tiveram lugar em 21 julho de 2005, apenas duas semanas após o primeiro atentado suicida no metro de Londres. A intenção era efetuar um ataque em alvos semelhantes aos do ataque de 07 de julho, a três estações de metro e um autocarro. O ataque foi efetuado por uma outra célula terrorista composta por elementos radicais islâmicos<sup>68</sup>, emigrantes e a residir na Grã-Bretanha há alguns anos.

Da pesquisa de informação foi possível avaliar que o planeamento foi iniciado em abril de 2005, porque três dos operacionais<sup>69</sup>, foram referenciados quando adquiriam componentes para o fabrico dos explosivos utilizados no ataque.

A execução do ataque ocorreu cerca da hora de almoço. Pouco antes do meio-dia do dia de 21 de julho, os terroristas já estavam preparados para desencadear o ataque.

Às 12:25 o primeiro operacional (*Meanwhile Osman Hussain*) aproximou-se de *Shepherds Bush Station* e tentou detonar o seu dispositivo, encostou os cabos à bateria para acionar o detonador<sup>70</sup>, no entanto, a carga principal<sup>71</sup> falhou. A detonação não foi suficiente para causar qualquer dano ou vítima, embora o som produzido causa-se o pânico a bordo do comboio. O terrorista conseguiu fugir.

O segundo operacional (*Ramzi Mohammed*) tentou detonar o seu dispositivo cinco minutos depois, na *Northern Line* cujo alvo era *Oval Station*, com resultados idênticos, também conseguiu fugir do comboio, apesar de três passageiros o tentarem apanhar.

Quinze minutos depois, o terceiro operacional (*Yassin Omar*) em *Warren Street Station* iniciou o seu ataque, e mais uma vez, houve falha da carga principal, à semelhança

---

<sup>68</sup> Os terroristas tinham uma dedicação profunda à  *jihad*  (guerra santa islâmica) violenta.

<sup>69</sup> Que participaram no ataque.

<sup>70</sup> O detonador continha triacetona triperóxido (TATP), uma mistura de peróxido de hidrogénio, acetona e ácido clorídrico, ingredientes facilmente obtidos.

<sup>71</sup> A carga principal era feita de uma mistura de peróxido de hidrogénio e farinha *chapatti* (usada para um pão popular na Ásia do Sul) numa proporção de 70 a 30. Para maximizar a letalidade, os explosivos foram cobertas com parafusos, porcas, pregos e outros equipamentos que atuaria como estilhaços.



dos outros terroristas, ele fugiu do local no meio do pânico causado pelo som da detonação.

A bordo do autocarro número 26, logo após as 13 horas, o quarto operacional (*Muktar Ibrahim*) tentou acionar o seu dispositivo, mas também, a carga principal falhou, e ele foi forçado a fugir.

Um quinto operacional (*Manfo Asiedu*), por razões desconhecidas, não efetuou o ataque, abandonando os explosivos perto do parque *Little Wormwood Scrubs*.

Especialistas em explosivos da polícia após analisarem os engenhos utilizados, que foram abandonados pelos terroristas no local dos ataques, concluíram que os explosivos falharam, porque a concentração de peróxido de hidrogênio era demasiado baixa<sup>72</sup>.

As consequências das tentativas de ataque foram insignificantes, uma vez que os explosivos não funcionaram conforme planeado, não houve baixas infligidas, os danos materiais apenas se verificaram no autocarro número 26, que teve várias janelas danificadas pela força da explosão.

Os terroristas mostraram um elevado grau de treino e disciplina em determinadas áreas, eles foram capazes de manter a segurança operacional, adquiriram os componentes necessários para construir os explosivos, foram capazes de iniciar a fase de execução quase em simultâneo, no entanto os seus conhecimentos revelaram-se insuficientes em relação ao método utilizado para a produção da carga principal dos explosivos.

A falha deste ataque terrorista pode ser atribuído a um único fator, os terroristas tentaram criar um explosivo além da sua capacidade técnica. (D.H.S, 2007, pp. 42-47)

Relativamente a este ataque, podemos concluir que por razões de ordem técnica não houve vítimas a lamentar, mas consideramos que os terroristas atingiram em parte os seus objetivos, conseguiram atuar do ponto de vista psicológico, afetando a qualidade de vida dos londrinos por falta de segurança, através do sentimento medo causado, em viajar de transportes públicos<sup>73</sup> nomeadamente de metro. Demonstraram que houve falhas nos serviços de informações, apesar dos terroristas terem sido detetados três meses antes do ataque a adquirir os componentes para a construção dos engenhos explosivos, não foi possível implementar medidas para evitar o ataque. As medidas de segurança implementadas em Londres após aos atentados de 7/7 não foram eficazes, porque os

---

<sup>72</sup> Um dos componentes utilizados, peróxido de hidrogênio, apenas está disponível comercialmente de forma diluída, 18% de concentração no máximo.

<sup>73</sup> A redução, nos quatro meses seguintes foi de 8,3 %, e perdurou até 2006 (*CREATE*, 2010, p.32).



terroristas ultrapassaram as barreiras de segurança e atingiram os locais planejados para desencadear os ataques.

Atendendo às vulnerabilidades do ciclo de ação terrorista identificadas neste ataque, as mesmas estão relacionados com a não execução de uma das fases, ensaios e treinos. Não houve vítimas a lamentar porque, os operacionais não foram capazes de acionar a carga principal do engenho explosivo construído. A parte do sucesso obtido deveu-se a ações mal executadas, pelos terroristas.

### **c. Síntese conclusiva**

Da análise efetuada pode-se concluir, que a pesquisa de informações e as medidas de antiterrorismo são aplicadas ao longo de todo o ciclo. Durante a fase II, os terroristas procuram identificar as falhas nas medidas de antiterrorismo, nomeadamente as vulnerabilidades nos sistemas, nas técnicas e nos procedimentos de segurança, para assim selecionarem o alvo específico que melhor contribua para o sucesso da sua missão. Também na fase VI, apesar existirem as medidas de antiterrorismo, estas apresentam vulnerabilidades que os terroristas irão explorar para desencadear os seus ataques ou atentados. As ações de contra terrorismo por norma são desencadeadas a partir do início da fase IV.

De acordo com o estudo de caso apresentado, verifica-se que é de extrema dificuldade obter a eficácia no combate ao terrorismo. Porque as OT, têm como intenções, atuar a nível psicológico na população e provocar o maior número de baixas. Mesmo quando os ataques perpetrados não provocam vítimas<sup>74</sup>, podem potenciar o sentimento de insegurança e dessa forma afetar a sua qualidade de vida, pois o medo apodera-se da população.

O combate ao terrorismo resulta da pesquisa de informações, da implementação de medidas de antiterrorismo e da capacidade de executar ações de contra terrorismo. A utilização destas três dimensões em conjunto permite efetuar a exploração das vulnerabilidades do ciclo de planeamento e ação terrorista.

Pela análise efetuada é possível confirmar a H2; *O combate ao terrorismo é efetuado, através da exploração das vulnerabilidades do ciclo de planeamento e ação terrorista, resultantes do comportamento dos terroristas que originam falhas, no planeamento e na execução.*

---

<sup>74</sup> Mortos ou feridos.



## **Conclusões**

Os registos sobre o terrorismo remontam a quatro séculos antes de Cristo, tem acompanhado as diferentes civilizações até chegar aos nossos dias.

O terrorismo é uma técnica, que procura atingir objetivos políticos, tem como alvo a população civil e manifesta-se de forma violenta, procura fomentar o efeito de terror através do resultado dos seus ataques, criando um sentimento de insegurança, real ou psicológico, afetando consideravelmente a qualidade de vida das populações.

Os terroristas organizam-se em grupos, designados de organizações terroristas, que podem ser caracterizadas quanto às formas de apoio, ideologias que seguem ou procuram implementar, formas de atuar, métodos e modelos de recrutamento.

As OT, quanto à dimensão geográfica podem ser internacionais ou transnacionais. Hoje o terrorismo caracteriza-se por ser uma atividade transnacional, situação esta que aumenta as possibilidades de êxito dos seus ataques e dificulta cada vez mais o seu combate.

As OT efetuam o planeamento das suas ações, para minimizar os riscos e alcançar o máximo sucesso, procurando explorar fraquezas do adversário. As missões táticas executadas pelas OT contribuem, para alcançar objetivos políticos/estratégicos. Têm na inovação, das técnicas táticas e procedimentos que utilizam e nos meios que empregam, a forma para obter o desejado efeito surpresa.

As OT de origem islâmica são uma ameaça permanente e persistente, porque procuram manter sempre a motivação de atacar os países ocidentais e após obterem capacidade operacional, fica ao seu critério qual o momento e qual local onde pretendem desencadear o ataque.

O ciclo de planeamento e ação terrorista, analisado é constituído por sete fases, seleção de um alvo genérico, recolha de informações e vigilância, seleção do alvo específico, vigilância pré-ataque e planeamento final, ensaios/treinos, ações no objetivo, fuga, evasão e exploração. No ciclo, não são identificadas vulnerabilidades, desde que seja respeitado na sua plenitude. As vulnerabilidades surgem através da forma como os executantes atuam ou não atuam em cada uma das fases.

O combate ao terrorismo para se tornar eficaz, é necessário dissuadir as pessoas e os Estados de apoiar o terrorismo, não permitindo que os terroristas e as OT consigam obter os recursos para a realização de ataques. Os Estados deverão ainda desenvolver



capacidades, implementar medidas e desencadear ações para derrotar o terrorismo, procurando garantir em permanência a defesa dos direitos humanos.

O combate ao terrorismo tem por objetivo diminuir a motivação e impedir os terroristas de obter a capacidade para efetuar atentados terroristas. Assenta na pesquisa, processamento e difusão oportuna das informações, com o objetivo de permitir, a implementação das medidas de antiterrorismo necessárias e ajustadas a cada situação, conduzir ações de contra terrorismo para deter ou desarticular as OT.

Um modelo de combate ao terrorismo deve assentar em três pilares fundamentais, informações, antiterrorismo e contra terrorismo.



Fig. nº 7 – Modelo de combate ao terrorismo, elaborado pelo autor

As informações devem desenvolver a sua atividade com recurso a varias fontes de informação, como sejam o *HUMINT*, *SIGINT*, *GEOINT*, *OSINT*, *IMINT* e as técnicas de CSI, contribuindo assim, para a definição do grau de probabilidade de execução de atentados terroristas e elaboração da lista de alvos prioritários. As diferentes entidades que operam na área das informações, devem efetuar a partilha das mesmas. Bem como também deve ser efetuada a partilha de informações entre países aliados e amigos, decorrente da sua abrangência transnacional.

As informações estão sempre presentes no combate ao terrorismo e atuam em todas as fases do ciclo de planeamento e ação terrorista, deve ter-se em consideração o seguinte: (i) De acordo com as informações recolhidas sobre as OT, modo de atuar e objetivos, deve ser elaborada uma listagem com os alvos considerados prioritários; (ii) Em virtude da possibilidade de recrutamento de especialistas na região onde pretendem desencadear o ataque, deveram estar referenciados todos os elementos que disponham de conhecimentos sobre a produção, manuseamento e emprego de explosivos; (iii) Outra fonte de informação



que deve ser monitorizada em permanência é a *internet*, pelas potencialidades de comunicação, recrutamento, obtenção de recursos, coordenação de ações e principalmente para a difusão dos resultados. Deve ser elaborada uma listagem com os *sites* normalmente utilizados pelas OT. Nos países referenciados como apoiantes do terrorismo e das OT, deve haver uma monitorização permanente, para referenciação quer das bases, quer de possíveis campos de treino; (iv) Todos os elementos originários de países apoiantes do terrorismo, que tenham aí residido, ou tenham apenas passado em trânsito, deverão ser monitorizados. Outra preocupação que deve estar sempre presente, nos serviços de informações é a monitorização dos líderes religiosos islâmicos, quem frequenta os locais de culto, quais as mensagens que são transmitidas nomeadamente se incentivam à *jihad*.

As medidas de antiterrorismo a implementar deverão ser enquadradas nas seguintes técnicas: (i) *Deter*; (ii) *Delay*; (iii) *Deny*; (iv) *Detect*; (v) *Defend*.

A primeira é conseguida através de patrulhamentos, identificação em controlos de estrada, em locais de concentração de população, verificação de encomendas, pessoas e viaturas, no acesso a áreas sensíveis. Também contribuem a monitorização do espaço aéreo, do espaço marítimo e do espaço ribeirinho. A segunda é conseguida através da utilização de barreiras, bloqueios, cercas e vedações, de forma a diminuir a velocidade das viaturas no acesso a áreas sensíveis. A terceira consiste, em negar aos terroristas o acesso ou o emprego, de armas e explosivos, através da utilização das restantes técnicas. A quarta é conseguida através da utilização de técnicas de avaliação da ameaça e também através da realização de pesquisas, utilizando equipamento de deteção (de raios X, detetores de metal e detetores de explosivos), sensores, radares e utilizando os sistemas de vídeo vigilância (CCTV), para a revista de pessoas, objetos e bagagens em entradas nos Centros Comerciais, locais de entretenimento, aeroportos, portos, centrais de camionagem, estações de metro e comboio. A quinta técnica é conseguida através do recurso a meios e medidas de segurança física como sejam segurança a instalações sensíveis, alvos simbólicos, centros populacionais, itinerários e controlo de fronteiras.

A ações de contra terrorismo a executar deverão ser, investigação sobre terroristas e os seus patrocinadores, proteção do público e os serviços chave, resposta e mitigação das consequências de um ataque terrorista, interdição do espaço aéreo e marítimo, treino de forças aliadas, apoiar a mudança de um regime e ações ofensivas nomeadamente: (i) de prevenção de ataques terroristas; (ii) de dissuasão; (iii) para impedir a obtenção de apoios;



(iv) desarticulação da atividade das OT; (v) resgate de reféns; (vi) punição; (vii) anulação das motivações; (viii) retaliação.

No combate ao terrorismo, a participação da população é de grande importância. Ela deve estar informada sobre o terrorismo, como funciona, quem o executa e por que motivo, quais as motivações e objetivos dos terroristas e das OT, quais os indícios de um ataque terrorista. Devem ser disponibilizadas formas de contato, para que a população possa efetuar as suas denúncias.

A educação é outro fator importante que contribui, para que os jovens não enveredem por caminhos tortuosos, que passam transformar em alvos fáceis para o recrutamento terrorista. Se para os radicais islâmicos é possível convencer um jovem a efetuar ataques terroristas, nomeadamente um ataque suicida, cabe às sociedades ocidentais transmitir valores e implementar medidas para evitar as más influências, quer na população ativa, quer jovens mas principalmente nas crianças.

Sendo o terrorismo uma atividade transnacional, no que respeita à investigação criminal, deve também haver partilha de informação entre países amigos e aliados, pois para obter os melhores resultados deverá existir uma ação colaborativa, entre todas as agências de investigação a nível internacional. São as OT que determinam onde vão efetuar os ataques.

O combate ao terrorismo pelo imensa quantidade de tarefas a desenvolver e quantidade de recursos envolvidos carece de uma entidade de coordenadora. Designada de Entidade Coordenadora do Combate ao Terrorismo, constituída por elementos do Serviço de Informações, Serviços de Investigação Criminal, Forças de Segurança, Forças Armadas, Proteção Civil, Bombeiros e Serviços de Emergência Médica. Teria como responsabilidades entre outras as seguintes: (i) Elaboração, treino e implementação de planos de contingência para situações de ameaça e/ou ataque terrorista; (ii) Priorizar a lista de alvos críticos, de acordo com as indicações recebidas, do poder político; (iii) Planear, comandar, controlar e coordenar todos os recursos necessários; (iv) Definir as medidas de antiterrorismo a implementar de acordo com os graus de ameaça de ataque; (v) Definir o momento e as ações de contra terrorismo a efetuar, apos a devida autorização do poder político; (vi) Alocar meios, de acordo com o grau de ameaça, grau de perigosidade, danos estimados, ou ações a desenvolver.



Estamos então em condições de dar resposta à questão de partida: *Como as vulnerabilidades do ciclo de planeamento e ação terrorista, influenciam o combate ao terrorismo?*

O combate ao terrorismo resulta, da pesquisa de informações sobre as OT e o comportamento dos terroristas, da implementação de medidas de antiterrorismo adequadas e da capacidade de executar ações de contra terrorismo.

Esta tese é suportada pelas seguintes razões:

Primeira, porque o combate ao terrorismo, tem como o objetivo diminuir a motivação e impedir os terroristas de obter capacidade operacional para desencadear ataques ou atentados terroristas.

Segunda, porque as vulnerabilidades do ciclo de planeamento e ação terrorista surgem através dos comportamentos dos terroristas, que podem ser observados.

Terceira, porque as informações contribuem para que as medidas de antiterrorismo a implementar sejam eficazes e permitem definir o tempo mais oportuno para desencadear as ações de contra terrorismo.

Quarta, porque as medidas de antiterrorismo implementadas ou a implementar, têm como objetivo impedir a execução de ataques.

Quinta, porque as ações de contra terrorismo têm como objetivo destruir ou desarticular as OT.

Consideramos que o combate terrorismo é um assunto extremamente vasto e que não é possível terminar o seu estudo neste trabalho. Propomos que o tema continue a ser investigado em futuros trabalhos.

Como recomendação sugeríamos que em futuros trabalhos, seja analisada a aplicabilidade em Portugal do modelo de combate ao terrorismo apresentado.



### **Bibliografia:**

Blair, T., 2005. *CNN* [Entrevista] (07 julho 2005).

Bolz, F. J., Dudonis, K. j. & Schulz, D. P., 2002. *The Counterterrorism Handbook*. 2ª ed. New York : CRC Press LLC.

Branquinho, J., 2009. *Implicações das Doutrinas de Guerra Preemptiva e Preventiva*, Lisboa: IESM.

CEO-DAT CENTRE OF EXCELLENCE DEFENCE AGAINST TERRORISM, 2011. *Monthly Terrorism Report*. [Em linha] Disponível em: <http://www.coedat.nato.int/index.htm> [Consult. 28 dezembro 2011].

CNN, 2009. *CNN- Cable News Network*. [Em linha] Disponível em : [http://articles.cnn.com/2009-12-25/justice/richard.reid.shoe.bomber\\_1\\_terror-attacks-american-airlines-flight-qaeda?\\_s=PM:CRIME](http://articles.cnn.com/2009-12-25/justice/richard.reid.shoe.bomber_1_terror-attacks-american-airlines-flight-qaeda?_s=PM:CRIME) [Consult. 25 fevereiro 2012].

Colt, 2011. *Security Officer Training*. [Em linha] Disponível em : <http://www.securityofficertraininghq.com/five-counter-terrorist-techniques-security-officers-can-use-right-now> [Consult. 09 março 2012].

Conselho de Segurança das Nações Unidas, 1999. *Resolução nº 1269 de 19 de outubro*. Nova York: Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Couto, A. C., 1988. *Elementos de Estratégia*. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.

Department of Homeland Security, 2007. *Underlying reasons for success and failure of terrorist attacks: selected case studies*, s.l.: HSI.

FADOK, D. S., 1995. *John Boyd and John Warden. Air Power's Quest for Strategic Paralysis*. Alabama: School of Advanced Airpower Studies.



- Ganor, B., 2005. *The Counter-Terrorism Puzzle*. New Jersey: Transaction Publishers.
- Ganor, B., 2011. *O contraterrorismo é uma espécie de activismo de direitos humanos* [Entrevista] 2011.
- Garcia, F. P., 2006. *As Ameaças Transnacionais e a Segurança dos Estados..* [Em linha] Disponível em: <http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000036001-000037000/000036360.pdf> [Consult.18 novembro 2011].
- Garcia, F. P., 2009. A nova polemologia. *Negócios Estrangeiros*, pp. 76-111.
- Hippel, K. v., 2005. *Europe Confronts Terrorism*. New York, London: PALGRAVE MACMILLAN.
- Hoffman, B., 2006. *Inside Terrorism*. New York: Columbia University Press.
- Hughes, G., 2011. *The Military's Role in Counterterrorism, Examples and Implications for Liberal Democracies*. s.l.:Strategic Studies Institute.
- INPU, Instituto Nacional de Pesquisas Ufológicas, 2006. *ECHELON - Alguém te escuta....* [Em linha] Disponível em: <http://inpu.sites.uol.com.br/echelon.htm> [Consult. 23 março 2012].
- Joint Publication 3-07.2, 2010. *Antiterrorism*. s.l.:US JOINT CHIEFS OS STAFF.
- Joint Publication JP 3-26, 2009. *COUTERTERRORISM*. s.l.:US JOINT CHIEFS OS STAFF.
- Nance, M. W., 2006. *The terrorist recognition handbook*. 2ª ed. s.l.:s.n.
- National Center for Risk and Economic Analysis of Terrorism Events (CREATE), 2010. *Exploring reductions in London Underground passenger journeys following the July 2005 bombings*, Los Angeles: University of Southern California.
- NATO, 2005. *NATO's military concept for defence against terrorism*. [Em linha] Disponível em : <http://www.fransamalingvongeusau.com/documents/dl2/h3/2.3.25.pdf> [Consult. 13 novembro 2011].
-



NATO, 2011. *Strategic Concept, For the Defence and Security of The Members of the North Atlantic Treaty Organisation*. Lisboa: s.n.

Nye, J. S. & Donahue, J. D., 2000. *Governance in a Globalizing World*, s.l.: Brookings Institutional Press.

Ottley, T., 2011. *Trutv*. [Em linha] Disponível em: <http://www.webcitation.org/5woveWodn> [Consult. 25 fevereiro 2012].

Pinheiro, Á. d. S., 2010. *A prevenção e o combate ao terrorismo no séc. XXI*, Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado-Maior do Exército Brasileiro .

PINSKY, J. & PINSKY, C. . B., 2004. *Faces do fanatismo*. São Paulo: Contexto.

PRAEGER SECURITY INTERNATIONAL, 2007. *Countering Terrorism and Insurgency in the 21st Century*. 1ª ed. Londres: Library of Congress Cataloging-in-Publication Data.

Presidência e Coordenador da Luta Antiterrorista da UE, 2005. *Estratégia Antiterrorista da União Europeia*. [Em linha] Disponível em: <http://register.consilium.eu.int/pdf/pt/05/st14/st14469-re04.pt05.pdf> [Consult. 04 abril 2012].

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V., 2008. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: s.n.

Richard, E. & Ross, B., 2009. *abc News*. [Em linha] Disponível em: [http://abcnews.go.com/Blotter/al-qaeda-yemen-planned-northwest-flight-253-bomb-plot/story?id=9426085#.T0h8F\\_F-t3o](http://abcnews.go.com/Blotter/al-qaeda-yemen-planned-northwest-flight-253-bomb-plot/story?id=9426085#.T0h8F_F-t3o) [Consult. 25 fevereiro 2012].

Rupérez, J., 2006. *International Organisations*. [Em linha] Disponível em: [http://www.realinstitutoelcano.org/wps/portal/rielcano\\_eng/Content?WCM\\_GLOBAL\\_CONTEXT=/elcano/elcano\\_in/zonas\\_in/international+organizations/ari+83-2006](http://www.realinstitutoelcano.org/wps/portal/rielcano_eng/Content?WCM_GLOBAL_CONTEXT=/elcano/elcano_in/zonas_in/international+organizations/ari+83-2006) [Consult. 02 abril 2012].

Smith, P. J., 2008. *The Terrorism Ahead*. New York: M.E. Sharpe, Inc.



Stewart, S., 2012. Detection Points in the Terrorist Attack Cycle. [Em linha] Disponível em: <http://www.stratfor.com/weekly/detection-points-terrorist-attack-cycle> [Consult. 23 março 2012].

STRATFOR, 2012. *Defining the Terrorist Attack Cycle*. [Em linha] Disponível em: <http://www.stratfor.com/image/defining-terrorist-attack-cycle> [Consult. 02 março 2012].

Thornton, H. L., 2010. *Countering Radicalism with a “Virtual Library of Freedom”*, Virginia: The Project on International Peace and Security (PIPS).

Tribunal Penal Internacional, 1998. *Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional*. Roma: s.n.

USA Army, 2005. *A Military Guide to Terrorism in the Twenty-First Century*. s.l.:s.n.

USA Army, 2007. *A Military Guide to Terrorism in the Twenty-First Century*. Kansas: TRADOC Intelligence Support Activity.

Weimann, G., 2004. How Modern Terrorism Uses the Internet. *Special Report*, Issue SPECIAL REPORT 116, p. 8.

Weinberg, L. & Eubank, W. L., 2006. *What is Terrorism?*. New York: Infobase Publishing.